

SANDRA M. M. SIQUEIRA
FRANCISCO PEREIRA

CAPITALISMO, CORONAVÍRUS E LUTA DE CLASSES

Notas sobre a atualidade do marxismo e da revolução socialista frente a crise mundial e a pandemia



Laboratório de
Estudos e Pesquisas
Marxistas

SANDRA M. M. SIQUEIRA
Professora da FACED/UFBA
Coordenadora do LEMARX/UFBA

FRANCISCO PEREIRA
Professor, Advogado, membro do LEMARX/UFBA

CAPITALISMO, CORONAVÍRUS E LUTA DE CLASSES
Notas sobre a atualidade do marxismo e da revolução socialista frente a crise mundial e a pandemia

Salvador-BA, 2020

Laboratório de Estudos e Pesquisas Marxistas I LEMARX/UFBA

Título: CAPITALISMO, CORONAVÍRUS E LUTA DE CLASSES

Autores: Sandra M. M. Siqueira

Francisco Pereira

Salvador-BA, abril de 2020

SUMÁRIO

Apresentação	5
1. Introdução	6
2. Capitalismo: decadência e barbárie social	7
3. Neoliberalismo: fracasso político-ideológico	11
4. A classe trabalhadora produz a riqueza	17
5. Burguesia: classe supérflua e parasitária	20
6. Caráter de classe do Estado: pseudoneutralidade	23
7. Sociedade de classes, opressões e coronavírus	26
8. Ciência e razão: contra irracionalismo e obscurantismo	30
9. A defesa da vida das massas e a luta pelo socialismo	34
10.A crise de direção política e o partido revolucionário	40
ANEXOS	42

APRESENTAÇÃO

O Laboratório de Estudos e Pesquisas Marxistas - LEMARX/UFBA disponibiliza aos seus leitores e ao público em geral o texto intitulado *Capitalismo, Coronavírus e Luta de classes: Notas sobre a atualidade do marxismo e da revolução socialista frente a crise mundial e a pandemia*, dos professores Sandra M. M. Siqueira e Francisco Pereira.

A conjuntura econômica, social e política atual é marcada pelo aprofundamento da crise mundial do capitalismo e pela pandemia do coronavírus, com consequências graves na vida e saúde da classe trabalhadora em todos os continentes.

A ameaça de uma grande recessão internacional - como um passo para uma depressão - já faz parte das análises dos organismos internacionais, que lidam com a economia. Os prognósticos da Organização Internacional do Trabalho (OIT) são preocupantes. Um grande número de trabalhadores e trabalhadoras, em todos os países, somar-se-ão aos milhões de desempregados.

O aprofundamento da crise internacional do capital já era esperada desde o ano anterior. A pandemia do coronavírus serviu apenas como catalisador, tendo em vista que, desde 2008, a economia mundial vem tentando se reerguer com todos os recursos de economia política que o Estado e os governos dispõem. Mas a grande capacidade produtiva instalada pelo desenvolvimento das forças produtivas e a especulação das bolsas de valores ameaçam permanentemente com uma crise de superprodução e com uma devastadora quebra da “bolha especulativa”.

O capitalismo chegou há muito tempo ao seu limite histórico. Só consegue sobreviver com crises periódicas de enormes proporções e com a acumulação dos elementos da crise estrutural, histórica. Enquanto não é derrubado por revoluções sociais, desenvolve a barbárie social: guerras, violência urbana, destruição da natureza, desemprego, fome, miséria etc. Não por falta de condições objetivas, pois há décadas já mostrou que o desenvolvimento das forças produtivas, da ciência, da técnica e da socialização da produção está em choque com a camisa de força das relações de produção, fundadas na grande propriedade dos meios de produção.

Só a revolução socialista pode destruir as relações burguesas de produção e a apropriação capitalista dos produtos do trabalho e colocar as forças produtivas a serviço da humanidade, no seio de uma sociedade emancipada da exploração e da opressão, para que os trabalhadores tenham a vida e a saúde valorizadas.

Salvador-BA, abril de 2020.

Comissão Editorial do LEMARX/UFBA

1.Introdução

O aprofundamento da crise mundial do capitalismo, expresso em fatos e dados nos meios de comunicação da burguesia e no receio de uma recessão de proporções inimagináveis - como um passo para uma depressão ainda mais grave - tem agitado mercados financeiros e bolsas de valores em todo o globo, passando a fazer parte dos cálculos da burguesia e das potências imperialistas.

Os sinais de que algo não está dentro da normalidade capitalista se tornam a cada dia mais evidentes com a instabilidade das principais bolsas, a queda vertiginosa dos preços do petróleo e o crescente endividamento dos países. Por mais que os governos tentem por meio das políticas econômicas minimizar os efeitos nefastos do aprofundamento da crise mundial, o fato é que as contradições do sistema só têm se acumulado.¹

Não obstante, a questão se tornou ainda mais candente com o impacto da crise epidemiológica do *coronavírus*,² que atingiu a China e, hoje, já afeta a Europa, EUA, América Latina, Ásia e África. Não há um só país que olhe nesse momento para o futuro com um otimismo frenético. A ameaça do estouro de uma nova “bolha especulativa”, de grandes dimensões, a queda na produção industrial, no comércio e serviços e a possível explosão dos índices de desemprego passaram ao primeiro

¹ Sobre o recente receio de uma crise global com a queda dos preços do petróleo e caída das bolsas no mundo, ver: BOTELHO, Maurilio Lima. *Um mundo afogado em capital: a queda global da taxa de juros e a nova rodada da crise estrutural do capitalismo*. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2019/11/29/um-mundo-afogado-em-capital-a-queda-global-da-taxa-de-juros-e-a-nova-rodada-da-crise-estrutural-do-capitalismo/>>; *Rumo ao desconhecido: endividamento mundial, crise monetária e colapso capitalista*. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/category/maurilio-lima-botelho/>>; EL PAÍS. *Volta o fantasma da recessão mundial*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/23/economia/1566558676_481669.html>; G1.GLOBO. *Petróleo despenca após G-20 ignorar guerra de preços entre Arábia Saudita e Rússia*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/03/26/petroleo-despenca-apos-g-20-ignorar-guerra-de-precos-entre-arabia-saudita-e-russia.ghtm>>.

² “Desde o início de fevereiro, a Organização Mundial da Saúde (OMS) passou a chamar oficialmente a doença causada pelo novo coronavírus de Covid-19. COVID significa COrona VÍrus Disease (Doença do Coronavírus), enquanto “19” se refere a 2019, quando os primeiros casos em Wuhan, na China, foram divulgados publicamente pelo governo chinês no final de dezembro. A denominação é importante para evitar casos de xenofobia e preconceito, além de confusões com outras doenças. Os coronavírus causam infecções respiratórias em seres humanos e em animais. Geralmente, são doenças respiratórias leves a moderadas, semelhantes a um resfriado comum. Já o novo coronavírus é uma nova cepa do vírus (2019-nCoV) que foi notificada em humanos pela primeira vez na cidade de Wuhan, na província de Hubei, na China”. FIOCRUZ. *Por que a doença causada pelo novo vírus recebeu o nome de COVID-19?* Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-virus-recebeu-o-nome-de-covid-19>>.

plano nas análises das principais instituições internacionais e dos analistas econômicos.³

Nesse sentido, abriu-se uma nova situação social, econômica e política em todo o mundo, a partir da qual podemos extrair algumas consequências no plano teórico, político-ideológico e organizativo, a partir de uma análise marxista - tendo por método o materialismo histórico-dialético -, tendo em vista, evidentemente, o horizonte da luta da classe trabalhadora e dos oprimidos pelo fim da sociedade de classes e pelo socialismo.

No presente texto tentamos expor de maneira sintética as principais teses e conclusões provisórias que podemos retirar de uma análise marxista da realidade atual, tanto no plano teórico-político da luta de classes como organizativo. Não pretendemos, portanto, esgotar a questão, mas apresentar alguns elementos que, em seu conjunto, atestam a atualidade do pensamento marxista para a compreensão do mundo hodierno e, conseqüentemente, como ferramenta indispensável à luta de classes a partir da estratégia socialista.

2. Capitalismo: decadência e barbárie social

Marx - e seu amigo Engels -, em toda a sua obra, especialmente, em *O Capital* (1867) e os marxistas do século XX - entre os quais podemos destacar Lênin, Rosa Luxemburgo, Trótski - ensinaram-nos que a sociedade capitalista tem como fundamento a exploração do trabalho assalariado, por meio do qual se produz as mais variadas mercadorias e se extrai a mais valia (ou mais valor), fonte do lucro do capital e base da acumulação capitalista. O capital - personificado nas frações da burguesia - é valor que procura valorizar-se, aumentar, acumular riquezas, obter lucros.⁴

A partir da complexa engrenagem da exploração da força de trabalho nas fábricas, empresas e indústrias, da produção de mercadorias, do comércio, do sistema bancário e financeiro, da mediação do dinheiro, o capital, longe de pensar na vida, na saúde e no bem-estar dos trabalhadores e da população empobrecida das cidades e do campo, visa fundamentalmente o lucro, a valorização, a acumulação.

³ WSWWS.ORG. *O capitalismo está em guerra contra a sociedade*. Disponível em: <<https://www.wsws.org/pt/articles/2020/03/20/pers-m20.html>>; VALOR.GLOBO. *Coronavírus pode ser pior que crise financeira de 2008, afirma FMI*. Disponível em: <<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2020/03/23/coronavirus-pode-ser-pior-que-crise-financeira-de-2008-afirma-fmi.ghtml>>; *Coronavírus e petróleo aumentam risco de crise mundial*. Disponível em: <<https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2020/03/13/coronavirus-e-petroleo-aumentam-risco-de-crise-mundial.ghtml>>.

⁴ Cf. MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2017. Ver também: HEINRICH, Michael. *Crítica de la economía política: Una introducción a El Capital de Marx*. Madrid: Escolar y Mayo Editores, 2008.

Por meio de variados métodos de organização da produção e das relações de trabalho - tais como a mais valia absoluta (extensão da jornada de trabalho) e relativa (aumento da produtividade e diminuição do tempo de trabalho necessário para a reprodução do trabalhador, do salário e, portanto, incremento do tempo de trabalho excedente) -, os capitalistas procuram, como na imagem de um "vampiro", sugar o máximo de trabalho excedente possível durante a jornada de trabalho. Os trabalhadores recebem um salário, mas têm de produzir mais do que receberam em troca do uso da sua força de trabalho, valorizando o capital investido - capital constante (máquinas, equipamentos) e capital variável (salários).

Não obstante - dizem Marx e Engels em *O Manifesto Comunista* (1848) - o capital cria contraditoriamente o seu próprio coveiro, o proletariado, e desenvolve as suas contradições internas - embora também as contratendências - no sentido da concentração e centralização da produção e da riqueza, da formação dos monopólios, das crises econômicas e financeiras e das tendências à barbárie social - desemprego, subemprego, miséria, fome, destruição da natureza, violência urbana, guerras. Toda essa análise teórica encontra-se na obra dos fundadores do marxismo, principalmente na sua *obra magna*, *O Capital*, bem como nos textos dos marxistas revolucionários posteriores.⁵

Pela atividade intelectual e política do mais importante dirigente da Revolução de Outubro de 1917, V. I. Lênin, e pelo esforço de inúmeros outros teóricos revolucionários do século XX, forjou-se um conjunto de análises dessas contradições econômicas, sociais e políticas no seio da fase imperialista do capitalismo, na qual dominam os grandes conglomerados econômicos monopolistas e o capital financeiro⁶

Essas contradições fizeram explodir não só elementos da barbárie social capitalista - guerras e contrarrevoluções - como também várias revoluções sociais, a começar pelo elo mais débil da sociedade burguesa - a Rússia atrasada, semifeudal, czarista, em 1917 -, depois em outros países ao longo, pelas condições e forças desencadeadas pela Revolução de Outubro e pelo desenvolvimento da crise capitalista nas décadas seguintes.⁷

⁵ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *O Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 1998; MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2017.

⁶ LÊNIN, V. I. *Imperialismo: estágio superior do capitalismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

⁷ Sem querer esgotar a análise sobre as causas e condições históricas que levaram à burocratização e ao domínio estalinista do Estado e do partido comunista na ex-URSS, com influência e impactos em todos os países e partidos sob sua influência, é preciso dizer que, após a Revolução de Outubro de 1917, vários processos revolucionários ocorreram em outros países e continentes, sendo vitoriosos em países como China, Cuba, Vietnã e Coréia do Norte. Muitos desses processos revolucionários também foram derrotados.

Entretanto, no final dos anos 1980 e início dos 1990, o chamado “socialismo real” vivenciou uma crise sem precedentes - engessamento econômico, instabilidade política, domínio de burocracias, medidas de restauração capitalista - e caminhava para a desagregação - simbolizada pela queda do Muro de Berlim, em 1989, e pela debacle da URSS, em 1991.⁸

Diante desses fatos, os políticos das potências imperialistas e os ideólogos da burguesia em todos os continentes e países trataram de pôr em prática uma campanha midiática - revistas, jornais e tvs - e acadêmica - no centro e periferia do capitalismo -, regada pela classe dominante e pelo capital financeiro, no sentido de convencer a opinião pública de que o fim do "socialismo real" significava, na verdade, o fracasso do marxismo e do comunismo, portanto, a vitória do capitalismo e da economia de mercado, tomados por eles como verdadeiros sinônimos de liberdade e democracia.

Uma enxurrada de livros e artigos foram escritos e publicados para defender a tese de que o capitalismo era o único horizonte possível para a humanidade e que defender outra forma sociedade, igualitária e justa, era nada mais que uma utopia e, como tal, um sonho irrealizável. Lembrem-se do artigo do ideólogo e tecnocrata norte-americano Francis Fukuyama, *O Fim da História e o último homem*.⁹

Muita gente - militantes, intelectuais, simpatizantes -, pressionada pelos acontecimentos e pela forte propagação de ideais anticomunistas e antimarxistas acabou sucumbindo aos apelos do neoliberalismo e do pós-modernismo, abandonando as anteriores convicções teóricas, aderindo às teorias em moda ou, simplesmente, passou a defender a possibilidade de humanização da sociedade capitalista, via reformas sociais e democratização do Estado. Os marxistas revolucionários, entretanto, não tiveram qualquer dúvida quanto à atualidade do marxismo, como concepção da História, da sociedade capitalista e como método - materialismo histórico - de análise da realidade.

Porém, as “verdades definitivas” da cartilha neoliberal e das teorias pós-modernas logo seriam desmentidas pelo caminhar da economia mundial, pela instabilidade constante das “bolhas financeiras”, pelos conflitos regionais - como no Iraque,

⁸ Acerca desse período histórico e suas consequências para o movimento socialista internacional, ver: COGGIOLA, Osvaldo. *O Capital contra a história: gênese e estrutura da crise contemporânea*. São Paulo: Xamã/Edições Pulsar, 2002; MANDEL, Ernest. *Além da Perestroika: a era Gorbatchov e o despertar do povo soviético*. São Paulo: Busca Vida, 1989; *Trotsky como alternativa*. São Paulo: Sundermann, 2008; GORENDER, Jacob. *Perestroika: origens, projetos, impasses*. São Paulo: Atual, 1991; *O fim da URSS: origens e fracasso da Perestroika*. São Paulo: Atual, 1992; HERNÁNDEZ, Martín. *O veredicto da História*. São Paulo: Sundermann, 2008.

⁹ FUKUYAMA, Francis. *O Fim da História e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992; ANDERSON, Perry. *O Fim da História: de Hegel a Fukuyama*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.

Afeganistão, Kosovo e, recentemente, na Síria - e pelas diversas crises do capitalismo nos anos 1990 - Tigres Asiáticos, América Latina, EUA - e a irrupção da crise em 2008. Esses acontecimentos demonstraram que, ao contrário do prognóstico de que o capitalismo iria viver uma fase de florescimento econômico e de paz entre as nações, na verdade, as tendências de barbárie social continuam a se desenvolver e se acumular, por meio das crises periódicas, numa crise histórica - estrutural, orgânica -, dos fundamentos mesmos da sociedade burguesa.¹⁰

Os dados atuais sobre a economia, comércio e finanças mundiais indicam que a crise atual não só não está no fim, como se desenvolve numa escala impressionante. Ainda mais, o avanço do COVID-19, em todos os países, debilitando pelo coronavírus centenas de milhares de pessoas, matando outras milhares, em particular da classe trabalhadora e da população empobrecida, levando à necessidade do isolamento social temporário e à paralisação de atividades econômicas (indústria, comércio, serviços, bancos, pequenos negócios etc.), acaba por ocasionar uma queda substancial da economia capitalista, a contragosto do capital e dos governos que preferem preservar os lucros que as vidas das pessoas.

Os dados mais recentes indicam o avanço da deterioração das condições econômicas e das relações de trabalho em todo o globo, por conta da crise mundial do capitalismo, potenciada pela crise do coronavírus. Nos EUA a taxa de desemprego pode chegar a 20% e a tendência é de contração econômica, segundo as previsões, em torno de 12,9% no segundo semestre de 2020. Para se ter uma visão comparativa, após estourar a crise de 2008, a taxa era de 10%. A economia da China está em queda no momento, e há expectativas de um rebaixamento nas taxas de crescimento, pelo menos num primeiro momento. A União Européia (UE), Japão, África, América Latina e Ásia serão duramente atingidos. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) declarou em janeiro que, em 2020, o desemprego poderia atingir 190,5 milhões de pessoas. Agora fala em destruição de 25 milhões de empregos em todo o mundo só com a pandemia do coronavírus. Em 2020, o desemprego pode atingir 190,5 milhões de pessoas.¹¹

¹⁰ Sobre as crises conjunturais e a crise histórica do capitalismo ver: MARX, Karl. *O Capital: livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2017; LÊNIN, V. I. *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012; TROTSKY, Leon. *O Imperialismo e a crise econômica mundial*. São Paulo: Sundermann, 2008; MÉSZÁROS, István. *A crise estrutural do capitalismo. A crise estrutural do capital*. São Paulo: Boitempo, 2011; Sobre a crise global do capitalismo, ver: SAMPAIO, Plínio de A. (org.). *Capitalismo em crise: a natureza e a dinâmica da crise econômica mundial*. São Paulo: Sundermann, 2009.

¹¹ Cf. SEWELL, Rob. *O capitalismo ameaça nos lançar de volta à idade das trevas*. Disponível em: <<https://www.marxismo.org.br/o-capitalismo-nos-ameaca-lancar-de-volta-a-idade-das-trevas/>>; G1.GLOBO. *Número de desempregados no mundo deve alcançar 190,5 milhões neste ano, diz OIT*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/01/20/numero-de-desempregados-no-mundo-deve-alcançar-1905-milhoes-neste-ano-diz-oit.ghtml>>; *Coronavírus pode destruir até 25 milhões de empregos*

A crise mundial, cumulada pela crise sanitária, demonstra, em última instância, todo um processo de decomposição e barbárie da sociedade atual. Retira o véu e expõe que o capitalismo chegou aos seus limites e caminha para levar a humanidade a um beco sem saída. O capitalismo não consegue proteger a população dos efeitos nefastos de uma pandemia, como a que estamos vivendo, em particular os setores mais explorados e oprimidos. Ao contrário, o capital força a classe trabalhadora a continuar produzindo nas fábricas e empresas, mesmo sob a ameaça de um contágio massivo da população. Daí a explosão de greves em países atingidos pelo coronavírus - chamadas de “greves selvagens”.¹²

Os governos agem para proteger os capitalistas nacionais e estrangeiros, enquanto os trabalhadores assalariados e a população mais vulnerável - desempregados, informais, precarizados - não conseguem se proteger das doenças e da situação de miséria impostas pela sociedade de classes. Apesar de todas as transformações que conduziram o capitalismo de sua fase liberal-concorrencial à imperialista, a sociedade atual continua fundada na exploração da força de trabalho, na busca do lucro, na acumulação de capital e nas crises periódicas e estrutural, aprofundadas pelo parasitismo financeiro. Eis porque, no que se refere à análise da estrutura, dinâmica, contradições e crises do capitalismo, a teoria marxista se mantém plenamente válida e, desse modo, confirma a sua centralidade para a luta de classes atual.¹³

3. Neoliberalismo: fracasso político-ideológico

diz OIT. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/03/18/surto-de-coronavirus-pode-destruir-ate-25-milhoes-de-empregos-diz-oit.ghtml>.

¹² Sobre a situação dos trabalhadores em vários países, expostos à exploração desenfreada e à ameaça da pandemia do coronavírus ver: WSWs. *Greves e protestos se espalham pelos EUA com trabalhadores exigindo proteção contra o COVID-19*. Disponível em: <https://www.wsws.org/pt/articles/2020/03/28/work-m28.html>; *Cresce revolta dos trabalhadores exigindo proteção contra condições inseguras*. Disponível em: <https://www.wsws.org/pt/articles/2020/03/24/pers-m24.html>; *Operários terceirizados da Fiat Chrysler em Detroit realizam paralisação enquanto trabalhadores exigem fechamento total da indústria automotiva*. Disponível em: <https://www.wsws.org/pt/articles/2020/03/26/auto-m26.html>; *Greves selvagens estouram na Itália exigindo fechamento de fábricas durante pandemia do coronavírus*. Disponível em: <https://www.wsws.org/pt/articles/2020/03/17/ital-m17.html>. No Brasil tivemos greves de metalúrgicos e de trabalhadores de call center: *“Não vamos morrer em nossas cabines!” - Greves selvagens e protestos de operadores de call center estouram em todo o Brasil*. Disponível em: <https://www.wsws.org/pt/articles/2020/03/26/braz-m26.html>.

¹³ Acerca da atualidade do marxismo na análise do capitalismo e suas transformações, cf.: MANDEL, Ernest. *A crise do capital*. São Paulo: Ensaio, 1985; COGGIOLA, Osvaldo. *O Capital contra a história: gênese e estrutura da crise contemporânea*. São Paulo: Xamã, 2002; CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996; *A Mundialização Financeira: gênese, custos e riscos*. São Paulo: Xamã, 1998; *A finança mundializada*. São Paulo: Boitempo, 2005.

Desde que o neoliberalismo passou de uma corrente isolada nos anos do pós-Guerra - os principais teóricos e ideólogos apresentaram as suas teses a respeito da economia e da política logo após o fim da Segunda Guerra, por meio de autores como Milton Friedman, Friedrich von Hayek, Ludwig von Mises, etc. - à alternativa da classe dominante diante da crise do keynesianismo - de John Maynard Keynes e discípulos - no final do anos 1960 e início dos 1970, passando a ser objeto de política econômica em diversos governos, a começar por Margareth Thatcher, na Inglaterra, e Ronald Reagan, nos EUA, estendendo-se a outros países e continentes - inclusive América Latina e Brasil -, muitas águas rolaram por baixo da ponte e muita coisa foi escrita sobre esse fenômeno político-econômico¹⁴

Para os intelectuais e políticos burgueses, o neoliberalismo significou a resposta à crise que se instalou de 1973 em diante, à necessidade de uma reestruturação da produção, de reorganização das relações de trabalho nas fábricas e empresas, de reformulação da política econômica pelo governos no sentido da estabilidade monetária, da reforma do Estado, das contrarreformas (trabalhista, previdenciária, sindical etc.), de redução da presença do poder público na economia com a privatização das empresas estatais, enfim, de concessão de liberdade aos capitais nacionais e internacionais na exploração das atividades econômicas e circulação nos mercados financeiros. Todas essas medidas constam do chamado *Consenso de Washington*, de 1989.

No campo das esquerdas também se desenvolveu todo um conjunto análises importantes sobre o neoliberalismo e os impactos dessas políticas econômicas em todas as esferas da sociedade, em particular, nas condições de vida e trabalho da classe trabalhadora e da população mais vulnerável e dependente de políticas assistenciais. Entre os marxistas, o neoliberalismo foi caracterizado, em geral, como uma corrente de pensamento político-ideológica e um conjunto de políticas econômicas governamentais que objetiva, em última análise, criar as condições para a retomada da acumulação de capitais e da elevação das taxas de lucro. Como tal, os governos agem para jogar os efeitos das crises capitalistas nos ombros da classe trabalhadora, que acaba por suportar as consequências de um sistema anárquico, com restrições ou destruição de direitos sociais, dos sistemas de proteção e segurança, conquistadas nas décadas anteriores.¹⁵

¹⁴ As ideias fundamentais do neoliberalismo foram formuladas em: FRIEDMAN, Milton. *Capitalismo e liberdade*. São Paulo: Nova Cultural, 1985; HAYEK, Friedrich von. *O caminho da servidão*. São Paulo: Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1990.

¹⁵ Para uma crítica do neoliberalismo ver: HARVEY, David. *Neoliberalismo: história e implicações*. São Paulo: Edições Loyola, 2008; ANDERSON, Perry (org.). *Balanço do neoliberalismo*. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.). *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995; BORON, Atílio. *Estado, capitalismo e democracia na América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

Nas quatro décadas de políticas neoliberais, os sistemas de seguridade social foram arrasados em numerosos países, em ritmos e alcances diferenciados. A reestruturação das empresas, a terceirização, a precarização, o aumento do desemprego, a crescente informalidade, a queda das políticas sociais, a destruição de direitos trabalhistas, as reformas na Previdência Social, enfim a expansão das formas de privatização no setor público criaram uma condição de instabilidade permanente e de enorme pressão sobre as massas assalariadas e empobrecidas. A existência de um quadro de desemprego crônico passou a ser parte do capitalismo, em condições de piora das relações de trabalho e salariais.¹⁶

É preciso notar, entretanto, que no seio das esquerdas há partidos e intelectuais que procuram encarar o neoliberalismo como uma espécie de “capitalismo selvagem”, para diferenciá-lo de um capitalismo mais “social”, “humanizado”, no qual os governos - em particular de esquerda, populares ou progressistas, como falam - preocupam-se em manter um certo nível de proteção social, como ocorreu com o chamado *Estado de bem-estar social* na Europa e EUA, em particular, do imediato pós-Guerra ao final da década de 1960.

Nesse caso, para esses intelectuais e partidos, a estratégia de luta se limita a combater o neoliberalismo, o “capitalismo selvagem”, esse sistema desmedido e sem regras sociais, de modo a democratizar o Estado burguês e as políticas públicas, a serviço dos trabalhadores e setores empobrecidos da população. A política se rebaixa ao mais puro reformismo e, portanto, descarta-se na teoria, política e, principalmente, na prática qualquer programa de luta contra o próprio capitalismo, como sistema de exploração e opressão, em favor do socialismo, por meio da luta de classe.

A degradação social perpetrada por décadas de crise do capitalismo e de aplicação da política neoliberal prova, sobretudo, que o capitalismo não pode ser humanizado e, assim, a tarefa dos socialistas não deve ser remendar a sociedade, mas destruir o sistema de assalariamento. Não se trata de construir um capitalismo “mais humano”, “mais justo”, “mais igualitário”, de face social. Os governos reformistas socialdemocratas pensavam que era possível fazer isso, mas essa perspectiva socialdemocrata, reformista, entrou em decadência junto com a crise estrutural do capitalismo na década de 1970.

¹⁶ Acerca do impacto das políticas neoliberais na área social, ler: LAURELL, Ana Cristina (org.). *Estado e políticas sociais no neoliberalismo*. São Paulo: Cortez, 1995; MACIEL, David. *O Governo Collor e o neoliberalismo*. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/694/o/11_artigos_o_governo.pdf>; NEGRÃO, João José de Oliveira. *O Governo FHC e o neoliberalismo*. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1Sb9HnXzskYRtQ8rchVHk83nLsNPq-TZ_MzNL1HKseGQ/edit>. Para uma análise das políticas sociais nos governos petistas ver: BRAGA, Ruy. *O fim do lulismo*. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (orgs.). *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo, Boitempo, 2016.

Os governos burgueses de traços keynesianos, ao tempo em que implementavam as políticas econômicas de salvamento do capitalismo da grande depressão e das crises do pós-Guerra, também reconheciam uma série de direitos sociais e previdenciários, com receio do avanço do movimento socialista e da influência da ex-União Soviética. E, no entanto, a classe trabalhadora continuou sendo explorada e oprimida pelos capitalistas.

O keynesianismo, tal como o neoliberalismo, é uma corrente político-ideológica e de economia burguesa, voltada a aplicar políticas anticíclicas por meio do Estado e governos capitalistas, a fim prorrogar a vida da sociedade burguesa e proteger a grande propriedade privada dos meios de produção, em meio ao processo de decadência do liberalismo e da decomposição do modo de produção capitalista em sua totalidade, como ficou claro com o estouro das Guerras Mundiais e a depressão de 1929-33.¹⁷

Quem defende a possibilidade de construir um capitalismo “humano, social, justo” esquece que já não são mais possíveis reformas sociais permanentes na etapa imperialista do capitalismo. A tendência à queda das taxas médias de lucro impõe ao capital a tarefa de buscar contratendências no sentido de aumentar as taxas de exploração da força de trabalho para extrair uma quantidade maior de sobretrabalho (mais valia). Marx expôs isso em *O Capital* na segunda metade do século XIX, o que foi comprovado plenamente no século XX.

O que se conquistou há décadas é descartado pelos governos burgueses nas crises, aproveitando-se do processo de fragmentação e desorganização da classe trabalhadora. Só é possível conquistar e manter direitos por meio de uma dura luta de classes. Assim, para a classe trabalhadora o que importa, de fato, é a organização, mobilização e luta permanente. Sem isso, o que se conquistou ontem, pode se perder amanhã.

Qual é então a relação entre reforma e revolução no sentido marxista? Enquanto para os reformistas a reforma é um fim em si mesma, para os socialistas revolucionários a luta por reformas deve ser um meio para mobilizar permanentemente os trabalhadores para desenvolver a sua consciência de classe em favor da revolução socialista. A classe trabalhadora pode e deve lutar por direitos e por melhores condições de vida e trabalho, até para preservar-se fisicamente. Mas os marxistas têm a obrigação de, uma vez na direção das

¹⁷ EATON, John. *Marx contra Keynes*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1958; BOOTH, Adam. *Marx versus Keynes*. Disponível em: <<https://www.marxismo.org.br/marx-versus-keynes/>>.

organizações de massas, articular indissolavelmente as lutas imediatas e parciais ao combate mais geral contra o sistema do capital, pelo socialismo.¹⁸

Evidentemente, nos períodos de crise, os capitalistas sempre recorrem ao Estado e aos governos de plantão. Não observamos hoje os empresários pedindo um “novo Plano Marshall” - programa keynesiano de reconstrução da Europa no pós-Guerra - no Brasil? Por acaso, Trump e demais governos de direita e ditos progressistas não estão recorrendo às políticas anticíclicas keynesianas ante a profunda crise econômica e do coronavírus? Sim, os governos sempre vão sacar políticas econômicas anticíclicas, quando está em jogo os lucros dos capitalistas e a permanência do capitalismo diante de recessões e depressões.

Por exemplo, o Governo de Donald Trump anunciou recentemente um megaplano emergencial para resgatar a economia norte-americana da crise instalada pela recessão em curso e pela pandemia do coronavírus, da ordem de US\$ 2 trilhões de dólares. Desse montante, o governo planeja enviar cheques no valor de US\$ 1.200 bilhões às pessoas de baixa renda, repassar US\$ 400 bilhões para pequenas empresas e US\$ 500 bilhões para os grandes capitalistas. Na Espanha, o governo decidiu estatizar temporariamente hospitais privados. Na França, Emmanuel Macron reconheceu falhas na política neoliberal e argumentou que determinados bens e serviços devem ficar fora das leis de mercado.¹⁹

No Brasil, o governo de extrema direita de Jair Bolsonaro, também sob pressão da crise econômica e do coronavírus anunciou o repasse de cerca de R\$ 1,2 trilhão aos bancos e R\$ 40 bilhões para pequenas e médias empresas, e a Câmara dos Deputados aprovou uma renda temporária - por três meses - de R\$ 600,00 reais - podendo chegar em certos casos a R\$ 1.200,00 reais -, para famílias e pessoas afetadas pela crise do coronavírus.²⁰

¹⁸ Para entender a relação entre reforma e revolução, estudar atentamente: LUXEMBURGO, Rosa, *Reforma ou Revolução?* São Paulo: Expressão Popular, 1999.

¹⁹ EL PAIS. *Pandemia força “guinada keynesiana” de Trump*. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/economia/2020-03-23/trump-tambem-era-keynesiano.html>>; ECONOMIA.UOL. *Coronavírus: Trump promulga megaplano econômico de US\$ 2 trilhões*. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/afp/2020/03/27/trump-promulga-megaplano-economico-por-covid-19.htm>>; CARTAMAIOR. *Carta de Paris: Macron assume falhas do modelo neoliberal*. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Cartas-do-Mundo/Carta-de-Paris-Macron-assume-falhas-do-modelo-neoliberal/45/46784>>.

²⁰ CORREIO BRAZILIENSE. *Pacote anunciado pelo governo deve liberar R\$ 1,2 trilhão para os bancos*. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2020/03/24/internas_economia.836224/pacote-anunciado-pelo-governo-deve-liberar-r-1-2-trilhao-aos-bancos.shtml>; CONGRESSOEMFOCO. *Câmara aprova auxílio de R\$ 1,2 mil por família afetada em quarentena*. Disponível em:

Nos vários países, outras medidas são reivindicadas para evitar um caos social, em razão das medidas adotadas pelos governos - no caso do Brasil, pelo Ministério da Saúde e pelos governos estaduais e municipais - de isolamento social da população, já que há uma queda das atividades econômicas, afetando milhões de pessoas, em particular, quem vive de atividades informais e precarizadas. Mas as medidas tomadas por todos os governos burgueses a favor dos bancos, do sistema financeiro e do grande capital nacional e internacional são incomparavelmente maiores se comparadas às poucas ações em favor da classe trabalhadora e dos pobres.

Na verdade, os US\$ 5 trilhões de dólares que as maiores economias do mundo - que compõem o G20 - irão injetar na economia global, certamente, visam muito mais a retomada da engrenagem capitalista, abatida pela crise e pela pandemia, do que propriamente do que proteger a classe trabalhadora e a população pobre dos efeitos da contaminação e da paralisação das atividades laborais.²¹

Não podemos alimentar a ilusão de que os governos burgueses têm como horizonte um suposto retorno ao *Estado de bem-estar social* do pós-Guerra. Ou uma espécie de “capitalismo humanizado”, como querem setores das esquerdas reformistas. O *Estado de bem-estar social* foi produto de certas condições históricas, portanto, sociais, econômicas e políticas, em particular a grande depressão de 1929, a expansão do movimento socialista, a com a tomada do poder em 1917 pela classe trabalhadora na Rússia e a explosão de processos revolucionários em outros países.

Na etapa atual de crise estrutural do capitalismo, as poucas e limitadas medidas tomadas em favor da classe trabalhadora e dos setores empobrecidos da sociedade são temporárias e não há qualquer garantia de que permaneçam tão logo a crise do coronavírus seja debelada. Como dissemos mais acima, com a tendência de queda das taxas de lucros em escala histórica, os capitalistas terão de tomar medidas necessárias no sentido de aumentar taxa de exploração, reduzindo salários, destruindo direitos e concentrando riquezas.

<<https://brasil.elpais.com/economia/2020-03-27/governo-anuncia-40-bilhoes-em-credito-para-financiar-salarios-de-pequenas-e-medias-empresas-por-2-meses.html>>.

²¹ VEJA.ABRIL. G20 apoia pacote econômico e frente mundial para combater o coronavírus. Disponível em:

<<https://veja.abril.com.br/mundo/g20-apoia-pacote-economico-e-frente-mundial-para-combater-o-coronavirus/>>; FOLHA. G20 vai injetar US\$ 5 tri na economia global para minimizar impactos do coronavírus. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/g20-vai-injetar-us-5-tri-na-economia-global-para-minimizar-impactos-do-coronavirus.shtml>>.

A intervenção dos governos na economia para minimizar os efeitos desastrosos da crise mundial e do coronavírus demonstra, na verdade, a falência da ideologia e da política econômica neoliberal. É expressão de que o capitalismo é um sistema anárquico, apesar de todas as medidas econômicas dos governos no mundo e da existência de instituições transnacionais, ligadas ao comércio e às finanças - OMC, FMI, Banco Mundial. E mais, que a suposta “mão invisível” dos liberais nunca, de fato, deixou de necessitar do auxílio do Estado e dos governos, quando lhe convém.

O capitalismo já não se encontra em sua fase áurea de desenvolvimento geral das forças produtivas em sua totalidade, mas de decomposição e de avanço da barbárie social contra os trabalhadores e as massas empobrecidas. A ideia de um “capitalismo humanizado” não passa de uma utopia reacionária, que infunde na classe trabalhadora e na juventude ilusões no poder do Estado burguês e bloqueia o avanço da luta de classes no sentido da superação do capitalismo.

As teses de Marx, em *O Capital*, sobre as tendências e contratendências do modo de produção capitalista são plenamente válidas hoje, levando evidentemente em conta as transformações efetuadas ao longo do século XX e começos do século XXI. A teoria de Lênin sobre o imperialismo, como etapa de decomposição do capitalismo, redobra sua atualidade com a financeirização e o parasitismo burgueses.

4. A classe trabalhadora produz a riqueza

A crise mundial e seu fortalecimento pela pandemia do coronavírus mostram definitivamente que é a classe trabalhadora que produz a riqueza da sociedade, em particular no capitalismo. Em todos os países em que a pandemia da COVID-19 avança, os capitalistas e governos relutam a paralisar a produção industrial, além de outros setores da economia. Obrigam grupos inteiros da classe operária a continuar saindo de casa, pegando transportes coletivos lotados de gente - ônibus, trens, metrô - e a se concentrar nas fábricas e empresas.

Na Itália, EUA e Brasil, por exemplo, governos e setores da classe dominante alegam que a economia não pode parar. Bolsonaro, por exemplo, lançou a campanha “O Brasil não pode parar”, suspensa pela justiça por sabotar o esforço coletivo de combate ao coronavírus. Mas o próprio governo continua a violar as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do próprio Ministério da Saúde.

Setores da classe dominante saem às ruas em carreatas, exibindo seus automóveis de luxo para defender o fim do isolamento social - se apoiam na tese do “isolamento vertical”, somente de idosos e pessoas do grupo de risco -, e que os trabalhadores

voltem às atividades de trabalho, mesmo sob risco de contágio. O governo manipula um discurso cínico de que a população tem de voltar ao trabalho para tentar manter a sua base e não tomar quaisquer medidas concretas e urgentes em auxílio dos trabalhadores e da população pobre, que não tem qualquer poupança, a não ser a renda diária.²²

Mas esse discurso ideológico, de que o país não pode parar e de que a população tem de voltar ao trabalho, de forma alguma significa que a classe dominante respeita e valoriza o trabalho de milhões de pessoas - nem no Brasil, nem no mundo -, nem que reconhece o papel da força de trabalho na produção da riqueza dos países e que, portanto, é a base de todo o funcionamento da sociedade atual. Na verdade, a burguesia está preocupada realmente é com os seus lucros, o que vai deixar de ganhar com o isolamento social da população e a paralisação necessária de certas atividades econômicas.

Nesse contexto, as análises de Marx, em *O Capital*, sobre a atividade de trabalho, seu metabolismo com a natureza, as formas do trabalho nas diversas formações socioeconômicas pré-capitalistas e o caráter da força de trabalho explorada, assalariada, no capitalismo ganham ainda mais atualidade no contexto de crise. Elas nos ajudam a compreender não só as causas e os efeitos da crise econômica e da pandemia do coronavírus, como nos alertam para os verdadeiros interesses materiais de classes que estão por trás dessa campanha ideológica e das preocupações da classe dominante sobre a paralisação da economia. É preciso, pois, sintetizarmos essas ideias de Marx.²³

Apesar de admitir que o trabalho era a fonte da riqueza das diversas sociedades, a Economia Política burguesa clássica procurou exaltar as qualidades da burguesia nascente, sua capacidade de mover a produção, sua qualidade de se abster de uma vida mundana, cheia de gozos e superfluidades, para supostamente se dedicar a reunir os fatores de produção - como chamam o trabalho, o capital e a terra - e impulsionar a engrenagem capitalista, em oposição às classes parasitárias do antigo regime - nobreza e clero.

²² CORREIOBRAZILIENSE. *Juíza atende MPF e manda suspender campanha “O Brasil não pode parar”*. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/03/28/interna_politica,840912/juiza-atende-mpf-e-manda-suspender-campanha-o-brasil-nao-pode-parar.shtml>; ESTADÃO. *Bolsonaristas fazem carreatas pedindo reabertura do comércio e fim do isolamento*. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaristas-fazem-carreata-em-sao-paulo-pedindo-reabertura-do-comercio-e-fim-do-isolamento-,70003250705>>.

²³ Toda essa análise está presente nas obras de Marx e Engels sobre a sociedade capitalista como, por exemplo, *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra (1845)*, *O Manifesto Comunista (1848)*, *Trabalho Assalariado e Capital (1849)*, *Grundrisse (1857-58)*, *Para a Crítica da Economia Política (1859)*, *Salário, Preço e Lucro (1867)* e, especialmente, em *O Capital*. Cf.: MARX, Karl. *O Capital: livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2017.

Marx demonstrou, em *O Capital*, que a origem da sociedade capitalista está alicerçada não em supostas qualidades excepcionais da classe dominante, mas no processo de *acumulação primitiva do capital*, um fenômeno histórico violento por meio do qual os produtores diretos (camponeses e artesãos) foram desgarrados dos seus meios de vida, de modo a se tornarem duplamente “livres”, seja das peias da dependência pessoal do feudalismo, seja dos instrumentos de trabalho, tendo que vender a sua força de trabalho no mercado, sob pena de morrer de fome. Um processo de expropriação brutal e de concentração de riquezas, dos meios de trabalho e do capital nas mãos da burguesia nascente.

O marxismo observou reiteradamente em suas análises sobre as fases da sociedade burguesa como os capitalistas reúnem trabalhadores assalariados e meios de produção, sob uma certa organização da divisão do trabalho nas fábricas e empresas, para extrair trabalho excedente, produzir mercadorias em uma escala cada vez maior para, sob a base da mais valia produzida pelos trabalhadores, acumular riquezas e valorizar o capital. Portanto, do ponto de vista do capital, podem-se discutir diversos problemas, por exemplo, como funcionam as relações de trabalho e de produção de mais valia no capitalismo, a diferença entre trabalho produtiva e improdutivo, mas não se pode negar que é a classe trabalhadora que produz a riqueza, na cidade e no campo, que mantém toda a estrutura da sociedade burguesa atual.

A permanência das crises cíclicas do capitalismo, cuja essência é a superprodução de valores, em meio ao desenvolvimento de uma crise estrutural profunda, dos seus fundamentos, só atesta que as forças produtivas chegaram a um nível tão elevado sob o capitalismo atual que extrapolam as fronteiras dos países e da propriedade privada, de modo que as relações de produção capitalistas se tornaram hoje um verdadeiro estorvo às forças produtivas altamente desenvolvidas e que, portanto, essas contradições do sistema levam a crises de superprodução cada vez mais profundas.²⁴

Por outro lado, na fase de decomposição do capitalismo o velho desemprego conjuntural transmuta-se em desemprego estrutural, crônico, permanente, de modo que um número cada vez maior de pessoas não consegue encontrar um emprego e, mesmo os que conseguem, são engolidos pela alta rotatividade do mercado de trabalho, com a imposição das formas precárias de trabalho e da terceirização. Essa situação pressiona a concorrência entre trabalhadores no mercado de trabalho e a baixa dos níveis salariais. O capitalismo já não consegue criar possibilidades concretas de empregos estáveis e de melhores condições de vida e salariais.

²⁴ [21] Cf.: TRÓTSKI, Leon. *O programa de transição para a revolução socialista*. São Paulo: Sundermann, 2008.

Essas consequências da crise estrutural do capitalismo e os dados sobre o desemprego e precarização do trabalho, em meio ao processo de reestruturação produtiva e do desenvolvimento de novas tecnologias levaram alguns autores, no final da década de 1970 e de 1980, a deduzirem teses como o “fim da sociedade do trabalho”, “fim do proletariado”, quando não a questionarem a existência e a centralidade das classes sociais hodiernamente, inclusive dos sujeitos “político” e “social” das transformações históricas, chegando, no limite, ao questionamento da estratégia de destruição do capitalismo pela classe trabalhadora e a construção do socialismo.

Essas teorias foram ao longo do tempo rejeitadas e abandonadas. Mas, em alguma medida, teses como essas acabaram, conscientes ou não, servindo ao arsenal ideológicos da intelectualidade burguesa para criticar o marxismo, em particular quanto à explicação do caráter do trabalho na sociedade capitalista e do processo de produção de valor e de mais valia. No lugar do trabalho e da força de trabalho, passaram a exaltar a ciência e as tecnologias como a base da produção da riqueza, como se elas tivessem vida própria e produzissem sem a necessidade da força de trabalho.

Hoje, quando assistimos setores da classe dominante clamarem pela “volta ao trabalho”, pela reabertura dos negócios, pela retomada das atividades econômicas em meio à crise epidemiológica, só podemos dizer o seguinte: *“nossas vidas e nossa saúde estão acima dos seus lucros”*. Para esses senhores arrogantes, autoritários e irresponsáveis, ao contrário, os lucros estão acima da vida e da saúde dos trabalhadores. Sempre desprezaram a classe trabalhadora e ainda se consideram os agentes fundamentais da sociedade, os verdadeiros criadores da riqueza social.

Nem a drástica realidade da crise mundial do capitalismo e das consequências do coronavírus os levam a admitir que sem a classe trabalhadora não há riqueza na sociedade de classes capitalista e que os seus lucros nada mais são que fruto da exploração da força de trabalho. Não podem chegar a esta conclusão porque, a partir daí, só pode haver indignação, crítica e ação para destruir o sistema de assalariamento e de exploração.

5. Burguesia: classe supérflua e parasitária

Como dissemos anteriormente, o capitalismo, em sua fase imperialista, é um sistema decadente, em decomposição, senil, irreformável. Também argumentamos que sem a classe trabalhadora não há produção de riqueza, ainda mais do ponto de vista da lógica do capitalismo. Mas não só isso, a classe dominante é cada vez mais

uma classe supérflua e parasitária e, nesse sentido, não há razão para a continuidade da sua existência enquanto classe social, assim como as condições objetivas para o fim do capitalismo, do ponto de vista da economia mundial e do desenvolvimento das forças produtivas, já estão mais do que maduras, para iniciar a construção de uma nova sociedade e reorganizar toda a vida econômica e social a partir de uma economia planejada coletivamente, a partir de indivíduos livremente associados.

Nos começos do capitalismo industrial ainda era possível à classe burguesa e aos seus representantes ideológicos se vangloriar de fazerem parte das “classes produtivas”, em oposição às “classes supérfluas, parasitárias” do regime feudal. O capitalista, ainda que necessitasse reunir no mesmo espaço trabalhadores assalariados e meios de produção para garantir o funcionamento das empresas e extrair mais valia da força de trabalho, dirigia pessoalmente os seus negócios, determinando por conta própria o que produzir, como produzir e para que objetivos.

Marx observou, em *O Capital*, tendências no capitalismo à complexização da divisão de trabalho e à oposição entre trabalho manual e intelectual nas fábricas modernas. Também anotou aspectos do papel da burguesia na engrenagem capitalista, de modo a fornecer elementos muito importantes para o desenvolvimento de análises posteriores, sobre o caráter cada vez mais supérfluo e parasitário da classe dominante. Isso porque, ao longo do tempo, entre a burguesia e os trabalhadores mais diretamente ligados à produção foram se introduzindo outros profissionais, como diretores, administradores, supervisores, gerentes etc.²⁵

No final do século XIX e princípio do XX, ocorreram transformações profundas no capitalismo, que levaram ao fim da sua fase liberal-concorrencial e ao surgimento da sua etapa senil: o imperialismo. Marx já havia, também em *O Capital*, apresentado uma análise das tendências de desenvolvimento do capitalismo, entre elas, a concentração e centralização do capital e das riquezas nas mãos de um reduzido número de indivíduos e empresas, levando à formação dos monopólios e oligopólios capitalistas e ao surgimento de grandes sociedades por ações.

Essas análises influenciaram os debates sobre o papel da burguesia na etapa de decomposição do capitalismo, passando a ser objeto de interesses e debate teórico-político entre os marxistas, surgindo, dessa forma, obras importantes na análise desse fenômeno, entre as quais destacam-se *A acumulação de capital*, de Rosa Luxemburgo, *O Capital Financeiro*, de Rudolf Hilferding, *A Economia Mundial*

²⁵ Essas análises sobre a estrutura e processos de trabalho nas fábricas modernas podem ser vistas em: MARX, Karl. *O Capital: livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2017.

e o *Imperialismo*. de Nicolai Bukharin e, principalmente, o *Imperialismo: estágio superior do capitalismo*, de V. I. Lenin.²⁶

O líder da Revolução de 1917 observou que, nessa etapa do capitalismo, a burguesia se torna cada vez mais uma classe parasitária e supérflua. A dominação dos monopólios e do capital financeiro sobre o conjunto da economia mundial é a base para o surgimento de uma oligarquia financeira parasitária, que vive basicamente de “cortar cupons”, isto é, de enriquecer-se sem estar necessariamente ligada ao processo produtivo, seja por ser acionista de grandes sociedades empresariais, seja por dedicar-se ao sistema financeiro e à especulação com ações, títulos da dívida pública.²⁷

Esse caráter parasitário da burguesia só se aprofundou com o desenvolvimento do capitalismo no decorrer do século XX e hoje, em pleno século XXI, se torna ainda mais candente na medida que o processo de financeirização da economia capitalista avançou numa escala gigantesca, tornando-se um fator de instabilidade crescente, gerando as “bolhas especulativas”, agora com especulações a base de títulos cada vez mais artificiais como derivativos (*subprime*), que tendem a explodir em meio às crises de superprodução.²⁸

Como na crise de 2008, o Estado e os governos na Europa, EUA, América Latina e demais continentes, diante da atual crise mundial e da pandemia do coronavírus preveem a injeção de trilhões para salvar os bancos, o grande capital e o sistema financeiro internacional de uma depressão, que pode vir a superar a de 1929-33. Por outro lado, o parasitismo com a dívida pública, interna e externa, tende a se acentuar, consumindo grande parte dos orçamentos dos países, tornando-os reféns

²⁶ Cf.: LÊNIN, V. I. *Imperialismo: estágio superior do capitalismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012. Ver também: LUXEMBURGO, Rosa. *A acumulação de capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1985; HILFERDING, Rudolf. *O Capital Financeiro*. São Paulo: Nova Cultural, 1985; BUKHARIN, N. *A Economia Mundial e o Imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1988;

²⁷ Para a compreensão do avanço do parasitismo no século XX, ver: MANDEL, Ernest. *A crise do capital*. São Paulo: Ensaio, 1985; *O capitalismo tardio*. São Paulo: Abril Cultural, 1985; *Tratado de economia marxista*. México: Era, 1969; SWEEZY, Paul M. *Teoria do desenvolvimento capitalista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962; BARAN, Paul A. *A economia política do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977; BARAN, Paul e SWEEZY, P. *Capitalismo Monopolista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974; DOBB, Maurice. *A evolução do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976; ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e estrutura de O Capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro: EDUERJ/Contraponto, 2001; SALAMA, Pierre e VALIER, Jacques. *Uma introdução à economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975; MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2002; COGGIOLA, Osvaldo. *O Capital contra a História: gênese e estrutura da crise contemporânea*. São Paulo: Xamã, 2002; NETTO, José Paulo e BRAZ, Marcelo. *Economia Política: uma introdução crítica*. São Paulo: Cortez, 2006.

²⁸ Sobre o processo de financeirização da economia capitalista, ver: CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996; *A Mundialização Financeira: gênese, custos e riscos*. São Paulo: Xamã, 1998; *A finança mundializada*. São Paulo: Boitempo, 2005.

de uma oligarquia financeira, comprometendo os investimentos dos países em áreas como saúde, educação, moradia e políticas sociais.

A crise atual e a pandemia do coronavírus levaram, como dissemos, a medidas de estatização como, por exemplo, de hospitais privados na Espanha. Também em 2008, empresas e bancos foram estatizados para evitar falências e diminuir os riscos de uma contaminação na economia nacional e internacional. Agora, os meios de comunicação admitem que novas estatizações podem ser realizadas pelos governos, em vários setores importantes, o que demonstra o caráter supérfluo da burguesia e que setores estratégicos podem estar sob o controle do Estado burguês, mesmo no capitalismo.²⁹

Entretanto, sabemos que o verdadeiro objetivo desses governos, ao realizar estatizações, é devolver futuramente essas empresas saneadas para a classe dominante, por meio de privatizações. Fora isso, essas estatizações e nacionalizações ocorrem mediante pagamento, o que pode ser, em certas condições, até vantajosas para a burguesia em crise. O que importa para os trabalhadores é que a experiência atual demonstra que a classe operária pode e deve controlar a produção. Não há mais nenhuma necessidade de viver sob a batuta de capitalistas ou do Estado burguês. Para tanto, é preciso primeiramente tomar o poder, por meio de um processo revolucionário, e reorganizar a economia sob bases socialistas.

6. Caráter de classe do Estado: pseudoneutralidade

A crise capitalista e a pandemia do coronavírus colocaram novamente o debate sobre o problema do caráter de classe do Estado na sociedade capitalista. Desde Marx e Engels, muito se discutiu no seio do marxismo sobre essa questão, mas as respostas e conclusões dessa discussão nem sempre caminharam no sentido pretendido pela concepção revolucionária originalmente desenvolvida pelos fundadores do marxismo.

Na verdade, quando se colocou a questão da tomada do poder pela classe trabalhadora, em Outubro de 1917, e, logo após, com a reorganização do domínio de classe do proletariado, sob a base dos conselhos populares - *soviets* -, a caracterização de classe do Estado tornou-se um problema concreto da luta de classes. Assim, é preciso sintetizarmos as ideias fundamentais do marxismo sobre o Estado.

²⁹G1.GLOBO. *França e Itália podem estatizar empresas para evitar falências devido a perdas por coronavírus.* Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/03/17/franca-e-italia-podem-estatizar-empresas-para-evitar-falencias-devido-a-perdas-por-coronavirus.ghtml>>.

Marx e Engels, em diversas obras, e, particularmente a partir de *O Manifesto Comunista* (1848) foram formulando uma concepção sobre o Estado, as condições que determinaram a sua origem, o seu caráter de classe, o processo de complexificação das suas funções a partir das revoluções burguesas na Inglaterra e na França, seu papel nas sociedades de classes e, especialmente, na sociedade burguesa moderna. No *Manifesto*, os dois revolucionários colocam como objetivos dos comunistas a constituição do proletariado como classe, a derrubada da burguesia e a conquista do poder político pelo proletariado, por meio da luta de classes.³⁰

Para eles, o poder político nada mais era que o poder organizado de uma classe para a opressão de outra. O Estado burguês, na verdade, não era senão um *Comité para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa*. Era necessária, portanto, a organização da classe trabalhadora, munida com a estratégia da tomada do poder, por meio de uma revolução social, para reconstruir a sociedade sob novas bases e criar as condições para o desaparecimento das próprias classes sociais, da exploração e das formas de opressão.³¹

Essa concepção do Estado contrastava claramente com as visões reinantes até então, como as teorias do liberalismo e do contratualismo - e mesmo a hegeliana - que consideravam o Estado como expressão dos interesses gerais, como a realização da liberdade, como uma instância neutra e acima das classes sociais. Marx e Engels foram adeptos da filosofia de Hegel e, durante algum tempo, acreditaram nessa ilusão. A experiência da luta de classes levaram os dois revolucionários a abandonarem essa ilusão e a conceberem uma concepção real do Estado nas sociedades de classes e no capitalismo, sem as amarras do idealismo.

Nas obras seguintes, de balanço das jornadas revolucionárias de 1848 - *As lutas de classes na França, O 18 de Brumário de Luís Bonaparte* -, da Comuna de Paris de 1871 - *A guerra civil na França* - e de análise das condições que determinaram a origem do Estado - *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* -, Marx e Engels aprimoraram esta concepção. Sob a base do método do materialismo histórico e de uma concepção mais profunda da sociedade capitalista, bem como da luta de classes, os fundadores do marxismo deram grandes contribuições à análise das classes sociais, dos seus interesses fundamentais e dos diversos regimes políticos - democráticos, bonapartismo etc. A própria Comuna de Paris, como resultado da tomada do poder pelo proletariado francês, mostrou o caminho de

³⁰Cf.; MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *O Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 1998.

³¹ Idem.

construção do Estado operário, do domínio de classe dos trabalhadores - a ditadura do proletariado, como diz Marx.³²

Portanto, a essência da teoria do Estado marxista é que o mesmo não é expressão dos interesses gerais, abstratos, como se pairasse por cima da sociedade e das classes sociais, como pensam os liberais e todo um espectro de teorias. Não é a realização da liberdade ou a imagem e realidade da razão. É, na verdade, produto da divisão da sociedade em classes e de suas contradições, da existência de antagonismos irreconciliáveis. É, em regra, o Estado da classe economicamente dominante, que se torna, por seu meio também dominante politicamente. O Estado representativo moderno, por mais democrático que seja, é um instrumento de que se serve o capital para explorar e oprimir os trabalhadores. A República democrática é o terreno mais favorável para a luta da classe trabalhadora, mas de nenhuma forma o limite dessa luta.

Lênin, em pleno desenvolvimento da situação revolucionária na Rússia e, logo após a tomada do poder, realiza uma incursão sobre o caráter de classe do Estado que, para ele, é uma ferramenta para manter a dominação de uma classe sobre outra, para possibilitar a submissão a uma classe as demais classes: a classe operária, os camponeses, os pobres e oprimidos. Lênin não admite qualquer dubiedade nesta questão e, desse modo, pôde fazer a crítica das concepções reformistas da socialdemocracia e do centrismo - de Kautsky e consortes.

Da tomada do poder pela classe trabalhadora, sob a direção do Partido Bolchevique, em Outubro de 1917 até sua morte, em 1924, Lênin deu grandes contribuições à compreensão do significado do Estado operário soviético e da sua espinha dorsal, os conselhos populares ou *soviets*. Estamos aqui no âmbito da teoria revolucionária. Os escritos de Lênin do último período de sua vida como dirigente do Estado operário soviético representam o desenvolvimento da teoria marxista do Estado a partir da generalização da experiência concreta da luta de classes.³³

Outros marxistas do século XX estudaram as formas do Estado e dos regimes políticos. Por exemplo, as obras de Trotsky sobre o fascismo na Alemanha, os processos revolucionários na Europa, como na França dos anos 1930, o aparecimento do regime estalinista na Rússia e os governos nacionalistas e bonapartistas na América Latina. Desse modo, conseguiu também estender o

³² Ver: MARX, Karl. *A luta de classes na França: 1848-1850*. São Paulo: Centelha, 1975; *O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977; *A guerra civil na França*. São Paulo: Boitempo, 2011; ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

³³ LÊNIN, V. I. *O Estado e a Revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2007; *Sobre o Estado: conferência de Lênin em 1919 na Universidade Sverdlov*. São Paulo: Edições Iskra, 2013.

método do materialismo histórico e as concepções marxistas sobre o Estado a fenômenos concretos do século XX.³⁴

Os escritos de Antonio Gramsci também deram ensejo a diversas discussões sobre o Estado, muitas das quais resultaram em análises problemáticas e deformadas, que reabilitaram posições reformistas - caso do chamado Eurocomunismo e das concepções sobre “governo dos trabalhadores” ou “progressistas”, nascidos de eleições no quadro das instituições burguesas.³⁵

O fundamental é que, diante da crise do capitalismo e da pandemia do coronavírus, os governos burgueses em todos os continentes atuam mais uma vez no sentido de resguardar os interesses gerais da classe dominante e, portanto, para a conservação da grande propriedade privada e do capitalismo.

Para tanto, a parte mais expressiva dos recursos são drenados para salvar os bancos, o sistema financeiro e o grande capital nacional e internacional. O tratamento dado aos trabalhadores assalariados, informais, desempregados e precarizados, além da população empobrecida em geral é radicalmente diferente do dado ao grande capital, não só quanto ao montante de recursos, como também às condições para se proteger contra a contaminação e tratamento da doença.³⁶

Uma vez mais, a crise do capitalismo, aprofundada pelo coronavírus, atualiza e redobra a centralidade da concepção marxista sobre o Estado, pulverizando pela própria experiência concreta tanto as concepções liberais e keynesianas, como as ilusões de parcelas das esquerdas, de traços socialdemocratas, que, apesar de todas as lições da história no século XX, continua a regurgitar as posições políticas reformistas de que o Estado é uma casca vazia, que pode ser preenchida com qualquer conteúdo.

7. Sociedade de classes, opressões e coronavírus

Outra questão igualmente relevante é como a saúde e a vida da classe trabalhadora e da população empobrecida são condicionadas pelas determinações de classe e

³⁴ TRÓTSKI, Leon. *História da Revolução Russa*. São Paulo: Sundermann, 2001; *A revolução traída*. São Paulo: Centauro, 2007; *O programa de transição para a revolução socialista*. São Paulo: Sundermann, 2008; *Revolução e Contrarrevolução*. Rio de Janeiro: Lammert, 1968; *Aonde vai a França*. São Paulo: Desafio, 1994.

³⁵ GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980; *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

³⁶ Sobre o tratamento dado ao capital e aos trabalhadores pelos governos ver: CSPCONLUTAS. *Medidas de auxílio anunciadas pelo governo e pelo congresso estão longe de garantir sustento das famílias*. Disponível em:

<<http://cspconlutas.org.br/2020/03/medidas-de-auxilio-anunciadas-pelo-governo-e-pelo-congresso-estao-longo-de-garantir-sustento-das-familias/>>.

pelas formas de opressões que pesam sobre mulheres, negros e negras, LGBTTQI+, indígenas e imigrantes. Essa crise expôs abertamente que a vida e a saúde no capitalismo são uma questão de classe, isto é, as classes sociais e as desigualdades materiais, nas quais se fundamentam, acabam por estabelecer as condições sociais a partir das quais os indivíduos podem se proteger de doenças - hospitais, tratamentos, medicamentos etc. - ou perder a batalha contra elas.

As classes sociais, portanto, não vivenciam a crise econômica e a pandemia da mesma forma, nem na mesma intensidade. Evidentemente, os indivíduos da classe dominante, pelas suas condições econômicas, sociais e políticas têm maiores possibilidades de se protegerem da pandemia e de se tratarem, em caso de contrair a doença. Podem recorrer ao sistema privado de saúde, por meio dos seus planos de saúde ou pelo pagamento em dinheiro, podem adquirir medicamentos com maior facilidade e, finalmente, refugiar-se em suas mansões.

Toda a classe trabalhadora sente o peso da crise mundial e da pandemia em suas vidas e em suas condições de trabalho. É exposta ao contágio, alguns setores são obrigados a continuar trabalhando e se expondo à contaminação pelo coronavírus, muitos estão ameaçados de perderem os seus empregos ou de verem seus salários reduzidos ou cortados. Nos países da periferia do capitalismo, a realidade é ainda pior, tendo em vista os poucos investimentos na saúde, nas condições de trabalho e salariais dos profissionais do setor, nas pesquisas científicas e na fabricação de medicamentos a preços mais compatíveis com os níveis salariais dos países.

Isso tudo é possível ser percebido pela própria experiência do dia a dia vendo as filas nos postos e hospitais, bem como nas milhares de pessoas que perdem as vidas sem um tratamento adequado. Mas a classe trabalhadora não é homogênea. Há desempregados e empregados. Trabalhadores assalariados formais e os que vivem de atividades autônomas, informais e muito precarizadas. Há trabalhadores efetivos e terceirizados. Homens e mulheres, jovens, adultos e idosos, brancos e negros, nacionais e estrangeiros, LGBTTI+, enfim, diversos segmentos e grupos oprimidos.³⁷

À exploração da força de trabalho nas fábricas, indústrias, empresas, no comércio, serviços e setores bancário e financeiro, no campo e nas cidades, devem ser acrescentados os mais afetados pela crise, em particular os seus segmentos mais explorados e vulneráveis: a população empobrecida das favelas e periferias. As

³⁷ THEINTERCEPT. *Coronavírus não é democrático: pobres, precarizados e mulheres vão sobre mais*. Disponível em: <<https://theintercept.com/2020/03/17/coronavirus-pandemia-opressao-social/>>; UOL. *Coronavírus: pessoas com asma, pressão alta e diabetes correm maior risco*. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/03/12/qual-o-grupo-de-risco-do-coronavirus.htm>>; ALMAPRETA. *Coronavírus e as desigualdades de raça e classe*. Disponível em: <<https://www.almapreta.com/editorias/o-quilombo/coronavirus-e-as-desigualdades-de-raca-e-classe>>.

comunidades pobres das grandes cidades e do campo padecem de todos os tipos de privações: falta de moradias adequadas para viver, de serviço de água e esgoto, de equipamentos de saúde e de lazer, dificuldades de acesso à escola, violência policial e do tráfico, genocídio contra a juventude negra, desemprego, subemprego e informalidade. Portanto, as favelas e comunidades da periferia estão em piores condições econômicas e sociais para enfrentar uma pandemia, como a que estamos vivendo.³⁸

A sociedade capitalista é uma sociedade de classes e, como tal, a existência das classes sociais se assentam numa determinada estrutura econômica, fundada no modo de produção capitalista, sob a base da grande propriedade privada dos meios de produção. As classes sociais articulam as pessoas em grandes grupos de indivíduos e coletividades que participam de diferentes maneiras na organização econômica da sociedade, na produção, distribuição, trocas e circulação. Mas também as classes sociais influenciam na forma como esses grupos de indivíduos têm acesso aos bens e riquezas produzidas na sociedade.³⁹

Nesse sentido, estabelecer as relações e condicionamentos de classes é fundamento de toda a análise marxista da sociedade capitalista. Mas é preciso apreender toda a complexidade da sociedade, das classes e das relações entre elas. É preciso ir mais fundo e analisar as formas de opressão, que têm como base o quadro geral da estrutura de classes, mas se apoiam nas diferenças entre as pessoas e grupos, de modo que a classe dominante instrumentaliza esses aspectos tanto ideológica, como econômica e politicamente para aprofundar as condições de exploração da força de trabalho, piorar as condições de vida e estabelecer discriminações nas relações de trabalho e nos direitos, inclusive quanto aos salários.

Por acaso os homens negros têm os mesmos direitos e salários que homens brancos na realidade do mundo do trabalho? Têm as mesmas oportunidades de trabalho e de tratamento? Por acaso, as mulheres trabalhadoras ganham os mesmos salários de homens trabalhadores? E as mulheres negras, têm as mesmas

³⁸ [35] Sobre como o coronavírus atinge as favelas e comunidades das periferias das grandes cidades, ver: BBC. *Coronavírus: sem plano do governo para as favelas, moradores e organizações se juntam para conter o contágio.* Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52032709>>; ELPAIS. *Se, ações específicas, 86% dos moradores de favelas vão passar fome por causa do coronavírus.* Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-03-28/sem-aco-especificas-86-dos-moradores-de-favelas-vao-passar-fome-por-causa-do-coronavirus.html>>; REDEBRASILATUAL. *Coronavírus: sem ação de governos, periferias se organizam como podem.* Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/2020/03/coronavirus-periferias-favelas-ocupaco-es/>>.

³⁹ LÊNIN, V. I. *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo.* São Paulo: Global, 1979; *O Estado e a Revolução.* São Paulo: Expressão Popular, 2007.

condições e oportunidades das mulheres brancas? A visão marxista sobre as formas de opressões já demonstrou o contrário do que as ideologias machistas, misóginas, homofóbicas e xenofóbicas da burguesia pensam.⁴⁰

É preciso também destacar a situação das comunidades indígenas e dos imigrantes no Brasil e em outros países. Uma das maiores barbaridades sociais do capitalismo em crise é forçar milhões de pessoas a deixarem as suas comunidades, cidades e países e terem de se refugiar em outras localidades, muitas vezes distantes, longe de suas famílias, de suas origens, cultura, língua e tradições. Recentemente, acompanhamos a situação de refugiados de guerras na Líbia e Síria tentando chegar à Europa e sendo barrados por governos xenofóbicos. Também temos observado a situação dos imigrantes venezuelanos, que foge para países vizinhos, como o próprio Brasil, por causa da crise econômica e política da Venezuela, provocada pela extrema direita e pelo imperialismo norte-americano.

Além de terem de suportar a opressão nacional sobre seus países, as condições discriminatórias e o sofrimento nos locais em que se encontram refugiados, os imigrantes estão expostos às consequências da crise econômica - desemprego, péssimas condições de trabalho, informalidade, superexploração, baixos salários - e da pandemia. Em épocas de crise, reforçam-se as tendências de crescimento da xenofobia e da discriminação contra os imigrantes. Sem dúvida, esses grupos estão muito expostos a todo tipo de preconceitos, miséria, fome e doenças.⁴¹

Por sua vez, as comunidades indígenas e quilombolas são oprimidas secularmente e, na atualidade, lutam desesperadamente para preservar a sua cultura, tradições, modos de vida e contra o avanço do agronegócio, da grilagem de terras e desmatamento das florestas. O governo Bolsonaro tem se notabilizado por uma declarada guerra contra as demarcações de terras, em defesa do grande capital nacional e internacional. Por isso, os índices de violência contra os indígenas só têm

⁴⁰ ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991; TOLEDO, Cecília (org.). *A mulher e a luta pelo socialismo (Marx, Engels, Lênin, Clara Zetkin, Trotsky)*. São Paulo: Sundermann, 2014; OKITA, Hiro. *Homossexualidade: da opressão à libertação*. São Paulo: Sundermann, 2015; REED, Evelyn. *Sexo contra sexo ou classe contra classe*. São Paulo: Sundermann, 2011; CARRASCO, Carmem e PETIT, Mercedes. *Mulheres trabalhadoras e marxismo: um debate sobre a opressão*. São Paulo: Sundermann, 2012; DAVIS, Ângela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016; ALMEIDA, Silvio. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte(MG): Letramento, 2018.

⁴¹ ESTADÃO. *Imigrantes na Europa se deparam com campos fechados e fim de processos por coronavírus*. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,imigrantes-na-europa-se-deparam-com-campos-fechados-e-fim-de-processos-por-coronavirus.70003243517>>; OGLOBO. *Em todo o mundo, imigrantes vulneráveis pelo coronavírus*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/em-todo-mundo-imigrantes-vulneraveis-diante-do-coronavirus-24320407>>.

crescido. Essas populações estão também expostas e mais vulneráveis ao contágio pelo coronavírus.⁴²

Qualquer plano emergencial contra a crise econômica e o coronavírus que não contemple as condições da classe trabalhadora, da população empobrecida e dos oprimidos não pode ser considerado como algo sério. Os sindicatos, movimentos, centrais e partidos de esquerda têm a obrigação de levar em conta todas estas determinações na elaboração de um plano de emergência e na mobilização, organização e luta da classe trabalhadora para garantir a sua plena aplicação.

Nesse aspecto, a crise mundial e a pandemia colocam em primeiro plano a tese marxista de que não há, de fato, luta contra a exploração sem luta contra todas as formas de opressões. Da mesma forma, a verdadeira e efetiva luta contra as opressões passa também pelo combate à exploração dos trabalhadores e trabalhadoras pelo capital.

8. Ciência e Razão: contra irracionalismo e obscurantismo

Nas últimas décadas, o marxismo e o socialismo foram objeto de uma crítica encarniçada por parte de variantes do pensamento burguês, em particular pelas correntes pós-modernas, neoliberais e irracionaisistas. As raízes históricas, sociais, econômicas e políticas dessas vertentes estão ora na ideia de que a modernidade está em vista de ser - ou já teria sido - ultrapassada pela pós-modernidade, tornado obsoletos os referenciais, princípios, valores, teorias e movimentos que embalsamaram o período e impulsionaram milhões de pessoas - as chamadas "metanarrativas", as grandes narrativas, como o Iluminismo e o marxismo -, ora na negação da razão como eixo do pensamento e da ação humana, ou, por outro lado, pela defesa do fracasso do socialismo e do marxismo, com a crise e desagregação das experiências do "socialismo real".

Com relação ao neoliberalismo já tecemos as devidas considerações anteriormente. Resta, neste ponto, analisar como o aprofundamento da crise mundial do capitalismo e da pandemia do coronavírus expôs concretamente a impotência das ideologias do irracionalismo e do pós-modernismo. Para tanto, é preciso reconhecer, em primeiro lugar, que essas ideologias penetraram fundo a discussão filosófica e científica contemporânea, em particular no seio da academia. Como tal,

⁴² OGLOBO. *Amazonas já tem pelo menos dois indígenas contaminados*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/coronavirus-amazonas-ja-tem-ao-menos-dois-indigenas-infectados-1-24335419>>; BBC. *Coronavírus pode dizimar povos indígenas, diz pesquisadora*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52030530>>; UOL. *No meio da pandemia, governo Bolsonaro admite que removerá quilombolas*. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2020/03/28/governo-bolsonaro-alcantara-quilombolas.htm>>.

serviram - e ainda servem - como ferramentas de combate à teoria marxista e ao pensamento socialista. Ainda mais, certos aspectos dessas correntes chegaram mesmo a influenciar setores de movimentos sociais, em particular o pós-modernismo.

Ocorre que, na presente crise do coronavírus, passou ao primeiro plano a importância da Ciência, das pesquisas científicas, da produção de conhecimentos voltados a compreender a origem da doença, os sintomas, as consequências para a saúde e para a vida da população, enfim as condições apropriadas para o combate do contágio. A capacidade dos governos de pôr em prática um plano de emergência para evitar um contágio em massa da população e desenvolver uma vacina capaz de enfrentar a doença tornou-se vital⁴³

A experiência dos países que primeiro tiveram de enfrentar a pandemia, como a China, Itália, Espanha, etc. tem sido importante para compreender os erros e acertos, que podem custar a saúde e a vida de milhões de pessoas. O isolamento social mostrou-se como a alternativa mais viável para evitar o contágio em massa e o colapso do sistema de saúde. De fato, é possível dizer hoje que a pandemia do coronavírus se deparou com o despreparo e a improvisação na tomada de decisões iniciais. Tiveram, por exemplo, de construir hospitais em tempo recorde ou adaptar a estrutura de saúde existente adequada a períodos de normalidade às necessidade de combate ao COVID-19.⁴⁴

De toda forma, restou mais do que evidente que sem investimentos crescentes em pesquisa científica, sem o desenvolvimento da Ciência e da tecnologia correspondente fica muito mais difícil para a sociedade se colocar à altura da tarefa

⁴³Sobre como a Ciência e as tecnologias elevaram a primeiro plano com a crise do coronavírus, ver: JORNAL.USP. *Ciência volta a ter seu valor reconhecido com epidemia do coronavírus*. Disponível em:

<<https://jornal.usp.br/radio-usp/ciencia-volta-a-ter-seu-valor-reconhecido-com-epidemia-do-coronavirus/>>; UNICAMP. *ABC defende o papel da ciência ante o coronavírus*. Disponível em:

<<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/03/24/abc-defende-o-papel-da-ciencia-ante-o-coronavirus>>; CORREIOBRAZILIENSE. *Conheça algumas apostas da ciência para frear o avanço do coronavírus*. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2020/03/29/interna_ciencia_saud_e.840968/conheca-algumas-apostas-da-ciencia-para-frear-o-avanco-do-coronavirus.shtml>:

⁴⁴ [41]FOLHA. *Cientistas brasileiros trabalham para desenvolver vacina contra coronavírus*.

Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2020/03/cientistas-brasileiros-trabalham-para-desenvolver-vacina-contracoronavirus.shtml>>; UOL. *Brasileira que sequenciou coronavírus: “Ciência não se faz sem recursos”*. Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/03/10/brasileira-que-sequenciou-coronavirus-ciencia-nao-se-faz-sem-recursos.htm>>; ELPAIS. *Coreia do Sul: contra o coronavírus, tecnologia*.

Disponível em:

<<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-15/coreia-do-sul-contra-o-coronavirus-tecnologia.html>>.

de combate às doenças e pandemias. Com universidades, escolas e laboratórios sucateados não é possível desenvolver pesquisa científica de ponta e avançar nos estudos nas mais diversas áreas do conhecimento humano.

No capitalismo, o conhecimento científico nas Ciências da Natureza e Sociais teve um impulso jamais visto em épocas anteriores. A própria formação da sociedade burguesa e sua luta contra o domínio da servidão e do obscurantismo religioso se articularam, dialeticamente, com as pesquisas científicas e descobertas em vários campos do conhecimento, como a Física, Astronomia, Química, Biologia, Matemática, entre outras, além de assentar as bases para a moderna Ciência Política e Social.

Mas as Ciências sempre estiveram condicionadas pelas relações econômicas, sociais e políticas, de modo que os interesses materiais da classe dominante se manifestaram não só na elaboração de teorias sociais para legitimar a ordem existente e obscurecer as raízes da exploração, como também estabeleceram os limites à aplicação dos conhecimentos e descobertas científicas, na medida do lucro capitalista.

Em certa medida, o capitalismo que, nas suas fases iniciais, apoiou-se na Ciência para desenvolver as forças produtivas da sociedade, na época de sua decomposição imperialista, torna-se um freio para a própria Ciência e para a aplicação plena das técnicas mais modernas ao processo de produção e à resolução de problemas graves que atingem, em particular, a classe trabalhadora e a população empobrecida.

Desde Marx e Engels, passando pelos marxistas do século XX, os socialistas sempre procuraram se apoiar nos resultados científicos, mas não de uma forma acrítica, seguidista ou cega, como fizeram outras correntes do pensamento, como, por exemplo, o Positivismo ou o Evolucionismo Social. Pelo contrário, o marxismo procurou desde cedo desvelar os condicionamentos históricos, teóricos e metodológicos do conhecimentos, criticando rigorosamente o seu uso ideológico para reforçar a dominação burguesa e imperialista e para as discriminações contra os povos oprimidos.⁴⁵

Mas o marxismo nunca renegou a necessidade da Ciência para a humanidade, inclusive para a luta pela emancipação social, isto é, para o fim do capitalismo e a

⁴⁵ Marx e Engels e demais marxistas revolucionários sempre estiveram atentos aos resultados das pesquisas científicas. Cf.: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Carta sobre las ciencias de la naturaleza e las matemáticas*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1975; ENGELS, Friedrich. *A Dialética da Natureza*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974; WOODS, Alan e GRANT, Ted. *Razão e Revolução*. São Paulo: Luta de Classes, 2007; LÊNIN, V. I. *Materialismo e Empiriocriticismo*. Lisboa: Edições Avante!, 1982.

construção do socialismo. Pelo contrário, procurou dar-lhe uma direção teórica e metodológica diferente, a partir do debate sobre a relevância da dialética materialista e do materialismo histórico como método de análise da realidade, combatendo a apropriação capitalista dos avanços científicos para proporcionar lucros e legitimar a sua dominação. Nos momentos em que as ciências e as teorias flertavam com o irracionalismo, os marxistas se apoiaram na razão para combater essas correntes e sua influência conservadora sobre a classe trabalhadora e suas lutas.⁴⁶

Como dissemos inicialmente, nas últimas décadas o irracionalismo e as mais diversas ideologias negacionistas da capacidade dos trabalhadores lutarem por sua emancipação ganharam corpo na esfera acadêmica. Uma das ideologias antimarxistas de influência marcante no mundo universitário foi exatamente um conjunto de teses que tomou a denominação de *pós-modernismo*, particularmente a partir do final do anos 1970 e começos dos 1980, que conseguiu nas últimas quatro décadas reunir setores de espectros os mais variados, inclusive considerados de esquerda, contra o que chamam de “metanarrativas”, as grandes narrativas da modernidade, entre as quais, como dissemos, incluem o marxismo.

O pós-modernismo parte de uma crítica à modernidade e ao iluminismo e avança no sentido de combater o pensamento de Marx e Engels e dos marxistas, constituindo um pólo teórico, político e ideológico avesso à luta de classes dos trabalhadores e dos oprimidos contra a exploração da força de trabalho e as mais diversas formas de opressão na sociedade capitalista. Desgraçadamente, aqueles que se desgarraram do marxismo e do socialismo, com a crise da ex-União Soviética e do Leste Europeu, impactados com a campanha político-ideológica dos políticos e da intelectualidade burguesa acabaram encontrando guarida nesse campo gelatinoso.⁴⁷

Negando a capacidade dos sujeitos políticos e sociais de se organizarem coletivamente para lutar contra as mazelas da sociedade burguesa atual e por uma estratégia de emancipação - o socialismo -, o pós-modernismo acaba acorrentado os indivíduos às cadeias da sociedade de classes, reforçando o conformismo e a apatia. Esse espírito contaminou, como se disse, até setores dos movimentos sociais, contribuindo para a fragmentação, a falta de horizonte estratégico e para a confusão e desorientação.

⁴⁶Sobre a crítica ao irracionalismo, ver: LUKÁCS, György. *El asalto a la razón: la trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler*. Barcelona: Grijalbo, 1972.

⁴⁷ Para compreender as teses do pós-modernismo, ver: LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009. Para uma crítica marxista do pós-modernismo, cf.: ANDERSON, Perry. *As Origens da Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

A crise mundial do capitalismo e a pandemia do coronavírus jogaram a última pá de areia na cova desse lixo ideológico. É certo que as contradições do capitalismo e suas crises, ao longo dos anos 1980 e 1990, culminando com a crise de 2008 já haviam demonstrado fartamente a atualidade do marxismo e a falta de base científica e histórica das ideologias irracionistas e pós-modernas. Mas, a crise atual não deixa pedra sobre pedra. Não só não tem sentido negar as conquistas da Ciência e da razão, apesar de todos os seus limites e contradições, como não há futuro para a humanidade na Terra sem o desenvolvimento do conhecimento científico a serviço da vida social.

Análise semelhante se aplica ao obscurantismo e ao charlatanismo presentes na sociedade atual. O papel de determinadas lideranças de igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais não só na eleição de um candidato de extrema direita como Jair Bolsonaro, como na defesa de posições contra as orientações do isolamento social, pregando a abertura de templos, mesmo com a possibilidade de contágio é de uma irresponsabilidade sem precedentes.

Por outro lado, a crise tem atestado o caráter retrógrado e perverso dos comerciantes da fé popular, que se aproveitam do sofrimento e das privações da classe trabalhadora e dos oprimidos para não só defender ideias e posições políticas conservadoras, quando não reacionárias, mas também para difundir o obscurantismo entre as massas desprotegidas e abandonadas pelo Estado e governos.⁴⁸

Uma das tarefas colocadas do ponto de vista da luta ideológica e política nesse momento é compreender o processo de fortalecimento dos setores evangélicos, pentecostais e neopentecostais no Brasil e no mundo e como esses setores, liderados por pastores, políticos e partidos de direita e extrema direita intervêm na política e nos parlamentos, de modo a influenciar as políticas governamentais, num sentido contrário às reivindicações históricas dos movimentos sociais e populares, em particular de mulheres, negros e negras e LGBTQI+. Portanto, também quanto à crítica das correntes irracionistas, do pós-modernismo e ao obscurantismo de setores religiosos, o marxismo ganha profunda atualidade.

9. A defesa das massas e a luta pelo socialismo

⁴⁸ BBC. *De cultos online a “não leia notícias sobre pandemia”*: como as religiões estão lidando com o coronavírus no Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51920196>>; G1.GLOBO. *O encontro religioso que acelerou as contaminações na França*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/03/12/coronavirus-o-encontro-religioso-que-acelerou-as-contaminacoes-na-franca.ghtml>>.

A crise estrutural do capitalismo e do coronavírus não pegou somente os governos burgueses despreparados. Também as esquerdas no mundo todo foram tomadas de surpresa e se mostraram desarmadas teórica, política e organizativamente para lidar com a nova situação criada. A crise do coronavírus exigiu imediatamente das correntes e partidos de esquerda, de sindicatos, centrais e movimentos a elaboração de um Plano Emergencial para defender a vida, a saúde, os empregos, os salários e os direitos da classe trabalhadora e das massas empobrecidas e oprimidas.

Falamos de esquerdas pois, nesse amplo espectro, em geral são incluídos desde os setores reformistas, como também as correntes centristas - que oscilam entre o reformismo e o marxismo - e as revolucionários, que reivindicam abertamente da estratégia da luta de classes, da revolução socialista e do marxismo revolucionário. Essas esquerdas mais uma vez agiram de maneira empírica para responder às questões que afetam direta ou indiretamente a vida e as condições de trabalho dos trabalhadores, elaborando no calor dos acontecimentos as reivindicações parciais e imediatas aos governos, patrões e parlamentares.

Os setores mais avançados das esquerdas, que têm como referência o marxismo revolucionário e as experiências de luta da classe operária, esforçaram-se para apresentar um Plano Emergencial com propostas que respondessem, de maneira articulada, à crise econômica e do coronavírus, tentando, em certa medida, articulá-lo à defesa de posições mais radicais como estatizações de alguns setores estratégicos - transportes, bancos e saúde privada etc. -, que possam apontar para a tarefa de sepultar o capitalismo e construir um governos de explorados e oprimidos.

Entre as correntes trotskistas - PSTU, PCO, Esquerda Marxista, MRT/Esquerda Diário, entre outras que pudemos consultar, a articulação entre as reivindicações parciais e imediatas e as reivindicações transitórias - num todo orgânico e coerente, como se espera, tendo como exemplo o Programa de Transição da IV Internacional - ainda é desigual e diferenciado, mas há um esforço no sentido de formular um Plano Emergencial que não se limite às tarefas parciais e imediatas e que aponte para tarefas transitórias capazes de estabelecer uma ponte para desenvolver a consciência de classe das massas em direção ao socialismo.⁴⁹

⁴⁹ Entre as correntes trotskistas que pudemos consultar, destacamos as seguintes: PSTU. *Qual a saída para a crise do Brasil: As propostas socialistas do PSTU*. Disponível em: <<https://www.pstu.org.br/qual-a-saida-para-a-crise-do-brasil/>>; *Um plano dos de baixo para o combate ao coronavírus na periferia*. Disponível em: <<https://www.pstu.org.br/um-plano-dos-de-baixo-para-o-combate-ao-coronavirus-na-periferia/>>; ESQUERDADIÁRIO. *Emprego, renda e testes massivos já: por um verdadeiro plano de guerra na crise e contra Bolsonaro*. Disponível em: <<https://www.esquerdadiario.com.br/Emprego-renda-e-testes-para-todos-por-um-verdadeiro-plano-de-guerra-na-crise-e-contra-Bolsonaro>>; CAUSAOPERÁRIA. *Organizar a mobilização, enfrentar a*

As correntes de tradição estalinista ou neo-estalinista também apresentaram os seus planos de emergência. O Plano elaborado pelo PCB prevê reivindicações parciais e imediatas em meio a propostas mais avançadas como a de nacionalização da indústria farmacêutica, de laboratórios e de serviços de saúde privada. A Unidade Popular-UP não apresenta no seu plano nenhuma consigna para além do parcial e imediato, seguidas de sua fórmula de “governo popular”. No caso do PCdoB, o plano emergencial defende claramente a conciliação de classes, por meio da constituição de uma frente ampla - “larga frente” - e um conjunto de propostas inteiramente dentro dos limites institucionais.⁵⁰

Os setores reformistas procuram formular um plano rebaixado com medidas possíveis de serem implementadas dentro dos limites do capitalismo, sem apontar para uma luta anticapitalista. No caso do Partido dos Trabalhadores (PT), o programa é ultrarrebaixado e se limita inteiramente institucionais, dentro do jogo da democracia burguesa. O Plano elaborado pelo PSOL também se circunscreve aos limites da institucionalidade burguesa, não apontando para consignas anticapitalistas. O máximo que chega é a defesa da revogação imediata do teto de gastos - EC 95 - e da suspensão dos limites e sanções da Lei de Responsabilidade Fiscal⁵¹

As maioria das centrais sindicais do país - CUT, CTB, Força Sindical, UGT, NCST, CSB, CGTB e Intersindical - apresentaram uma nota com um conjunto de reivindicações imediatas e parciais, inteiramente adaptáveis às possibilidades dos governos capitalistas, inclusive chegando a propor uma espécie de Pacto Social

epidemia e a crise capitalista. Disponível em: <https://www.causaoperaria.org.br/organizar-a-mobilizacao-enfrentar-a-epidemia-e-a-crise-capitalista/>; PORMASSAS. *Levntemos bem alto as bandeiras do programa da revolução proletária.* Disponível em: <http://www.pormassas.org/2020/03/22/diante-da-crise-economica-e-social-agravada-pela-pandemia-do-coronavirus-levntemos-bem-alto-as-bandeiras-do-programa-da-revolucao-proletaria/>; ESQUERDAMARXISTA. *Programa emergencial para a crise no Brasil.* Disponível em: <https://www.marxismo.org.br/programa-emergencial-para-a-crise-no-brasil/>.

⁵⁰Entre as correntes de tradição estalinista (ou neo-estalinista) encontramos as seguintes: PCB. *A vida acima dos lucros!*. Disponível em: <https://pcb.org.br/portal2/25161/a-vida-acima-dos-lucros/>; PCDOB. *Unir amplas forças para salvar o Brasil.* Disponível em: <https://pcdob.org.br/noticias/pcdob-unir-amplas-forcas-para-salvar-o-brasil/>; UNIDADEPOPULAR. *Nota da Unidade Popular sobre a pandemia do coronavírus.* Disponível em: <https://www.facebook.com/notes/unidade-popular-pelo-socialismo/nota-da-unidade-popular-sobre-a-pandemia-do-coronavirus/2556089358007888/>.

⁵¹Entre os partidos de centro-esquerda e reformistas, podem-se citar: PT. *Propostas para enfrentar o coronavírus e retomar o crescimento econômico.* <https://pt.org.br/nota-do-pt-propostas-para-enfrentar-o-coronavirus-e-retomar-o-crescimento-economico/>; PSOL. *50. Psol apresenta plano emergencial de combate à crise sanitária, econômica e social.* Disponível em: <https://psol50.org.br/psol-apresenta-plano-emergencial-de-combate-a-crise-sanitaria-economica-social/>.

com empresários e Estado, superdimensionando o protagonismo do parlamento e reivindicando a constituição de uma Câmara Nacional de Gestão da Crise. Destaque-se que a CSP-Conlutas não assinou a nota das Centrais acima por discordar da política de conciliação de classes expressa em seu conteúdo.⁵²

De conjunto, é preciso reconhecer que a crise mundial e da pandemia do coronavírus provocou uma espécie de “*apagão geral*” nas esquerdas. Mas, quase todas as correntes permaneceram numa posição passiva diante da crise, manifestando concretamente uma certa impotência em face da situação objetiva do isolamento social e da impossibilidade de convocar atos de ruas de grande magnitude.

Não obstante, mesmo que as centrais tenham decidido pela não realização de atos de rua, sabemos que muitas ações podem ser implementadas, levando em conta, evidentemente, as condições objetivas do isolamento social, afinal, muitas categorias permaneceram trabalhando nos serviços essenciais e em outras atividades econômicas, sendo expostas ao contágio do coronavírus. Só lentamente, as correntes foram realizando algumas poucas atividades, como debates via redes sociais e participação dos “*panelaços*” e “*barulhaços*” contra o Governo Bolsonaro.⁵³

Destaque-se que a CSP-Conlutas, sob isolamento social, conseguiu implementar ações importantes nesse período de combate à pandemia do coronavírus como, por exemplo, a mobilização e paralisação dos metalúrgicos da Chery em Andaraí-SP para responder à tentativa da empresa de demitir trabalhadores e cortar salários, a

⁵² Por exemplo, as Centrais Sindicais brasileiras assinaram uma Nota em 23 de março de 2020, com as seguintes reivindicações: “*É fundamental instituir um Programa Emergencial que contemple: 1) Assegurar fornecimento de água, luz, telefone, tv e internet; 2) Incentivar acordos coletivos que preservem os salários e os empregos durante a pandemia; 3) Criar Fundo de Emergência para, durante a crise, garantir um salário mínimo mensal para desempregados, informais e conexos; 4) Acelerar o processo de concessão de aposentadorias, solucionando imediatamente milhões de processos pendentes; 5) Regularizar os beneficiários do Bolsa Família e do Benefício Prestação Continuada; 6) Criar linhas de crédito e financiamento para os setores obrigados a paralisar suas atividades, com a contrapartida de manutenção do emprego, salário e direitos; 7) Articulação com o Congresso Nacional e todos os governadores, independentemente da filiação política e ideológica*”. Nenhuma delas desborda dos limites do capitalismo e, na verdade, são muito limitadas diante dos desafios colocados pela crise mundial e pela pandemia do coronavírus. Na verdade, a Nota chega a propor um pacto social entre empresários, governos e trabalhadores, com a formação de uma Câmara Nacional de Gestão da Crise e aposta todas as fichas no protagonismo do Congresso Nacional, não dos trabalhadores. A CSP-Conlutas foi a única central que não assinou a nota, em razão da política de conciliação de classes das demais centrais. Cf.: INTERSINDICAL. Nota das Centrais Sindicais sobre a MP 927. Disponível em: <https://www.intersindicalcentral.com.br/congresso-nacional-assuma-devolva-cruel-mp927/#.XoKa7N_YrnE>.

⁵³ G1.GLOBO. *Cidades brasileiras registram panelaço contra Bolsonaro pelo 15º dia seguido*.

Disponível em:

<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/31/cidades-brasileiras-registram-panelaco-contr-bolsonaro-pelo-15o-dia-seguido.ghtml>>.

paralisação por 24 horas dos metalúrgicos de São José dos Campos-SP, resultando na liberação para 24 mil trabalhadores, além da paralisação de canteiros de obras da construção civil em Belém e Fortaleza, e convocação de painéis contra o Governo Bolsonaro.⁵⁴

Diante da passividade das esquerdas e das direções sindicais em vários países, a classe trabalhadora foi buscado vias para expressar o seu descontentamento e a necessidade de impor ao grande capital a paralisação das atividades para preservar a vida e saúde dos trabalhadores expostos à contaminação. Na Itália, EUA e em outros países explodiram as chamadas “Greves Selvagens”, que fugiram ao controle das direções sindicais e das centrais, em particular das direções reformistas, que aplicam a política de conciliação de classes com os patrões e com os governos.⁵⁵

Os trabalhadores realizaram greves espontâneas ou organizadas em vários países afetados pela crise do coronavírus, em particular na Europa, EUA e Brasil. Em nosso país, como nos referimos mais acima, destacaram-se as greves dos metalúrgicos em São Paulo e dos trabalhadores de call center em vários estados. Em ambos, os trabalhadores estavam sendo obrigados a continuar a trabalhar em aglomerados nas fábricas e empresas e a se deslocar cotidianamente nos transportes coletivos - ônibus, trens e metrô - para o espaço do trabalho, expondo-se ao perigo da contaminação.

Essa crise expôs também o fato de que a elaboração de um Plano Emergencial com reivindicações parciais e imediatas da classe trabalhadora e da população empobrecida nem de longe esgota o debate sobre o programa necessário para defender os empregos, os salários e os direitos da classe trabalhadora, muito menos da sua vida e saúde e sua articulação com a luta mais geral pelo fim do capitalismo e pelo socialismo. Isso porque as causas da crise atual do capitalista são mais profundas, afetam os seus fundamentos e, como tal, não é possível

⁵⁴ SINDMETALSJC. *Metalúrgicos da Chery entram em greve contra demissões em meio a crise do coronavírus.* Disponível em: <<http://www.sindmetalsjc.org.br/n/4843/metalurgicos-da-chery-entram-em-greve-contra-demissoes-e-m-meio-a-crise-do-coronavirus>>.

⁵⁵ Mais uma vez, cf.: WSWWS. *Greves e protestos se espalham pelos EUA com trabalhadores exigindo proteção contra o COVID-19.* Disponível em: <<https://www.wsws.org/pt/articles/2020/03/28/work-m28.html>>; *Cresce revolta dos trabalhadores exigindo proteção contra condições inseguras.* Disponível em: <<https://www.wsws.org/pt/articles/2020/03/24/pers-m24.html>>; *Operários terceirizados da Fiat Chrysler em Detroit realizam paralisação enquanto trabalhadores exigem fechamento total da indústria automotiva.* Disponível em: <<https://www.wsws.org/pt/articles/2020/03/26/auto-m26.html>>; *Greves selvagens estouram na Itália exigindo fechamento de fábricas durante pandemia do coronavírus.* Disponível em: <<https://www.wsws.org/pt/articles/2020/03/17/ital-m17.html>>. No Brasil tivemos greves de metalúrgicos e de trabalhadores de call center: “Não vamos morrer em nossas cabines!” - *Greves selvagens e protestos de operadores de call center estouram em todo o Brasil.* Disponível em: <<https://www.wsws.org/pt/articles/2020/03/26/braz-m26.html>>

superar a crise estrutural e a barbárie social com um programa de reivindicações parciais e imediatas.

As reivindicações imediatas e parciais - defesa dos salários, empregos, saúde e educação pública, renda para autônomos, informais e precarizados, isenção de taxas de luz, água e gás, suspensão de aluguéis, despejos e reintegrações de posse, com o acesso das famílias às moradias, garantia dos direitos sociais, revogação das contrarreformas (trabalhista, previdenciária e terceirização) e da EC 95 do teto de gastos, liberação dos benefícios do bolsa família, BPC e previdenciários, fim da violência contra as mulheres, negros e negras, LGBTTTQI+, indígenas, imigrantes e camponeses, com a proteção e direito à terra, fim do genocídio da juventude negra, defesa das liberdades democráticas, fim das privatizações, entre outras - têm de ser defendidas plenamente pelas organizações da classe trabalhadora - sindicatos, centrais, movimentos e partidos de esquerda.

No campo da saúde propriamente dita, é preciso defender o aumento imediato de recursos, equipamentos, laboratórios, contratação de profissionais dessa área de acordo com as necessidades colocadas, com condições de trabalho e salariais à altura, construção de hospitais e aumento do número de leitos, distribuição dos materiais para o combate à pandemia (máscaras, álcool, remédios, luvas), a garantia do isolamento social para evitar a propagação do vírus, o que significa a suspensão de aulas em escolas e universidades, a paralisação das atividades de trabalho com garantia dos empregos e salários, a estatização do sistema privado de saúde, da indústria farmacêutica e laboratórios, colocando-os sob controle dos trabalhadores, garantia de abrigos para as pessoas em situação de rua, testes massivos e esforço para a obtenção de vacinas, entre outras.

Para os marxistas, essas reivindicações parciais e imediatas têm de se entroncar com um programa mais profundo que possa ligar indissolivelmente a luta pelas reivindicações imediatas e parciais à luta pelo fim do capitalismo e pelo socialismo. Apenas um Programa de Transição pode cumprir com esse objetivo histórico. A esse respeito, temos como antecedente o Programa de Transição elaborado por Trótski, quando da fundação da IV Internacional, em 1938.⁵⁶

Para tanto, é preciso defender um conjunto de reivindicações transitórias, que, por serem tais, chocam-se com as estruturas da sociedade burguesa e fazem avançar a consciência de classe dos trabalhadores no sentido de que é preciso destruir o capitalismo e construir uma nova sociedade, livre da exploração e das opressões. Esse programa coloca a necessidade de defender as escalas móveis de salários e de horas de trabalho, o que significa a divisão da totalidade das horas de trabalho

⁵⁶ Cf. TRÓTSKI, Leon. *O Programa de Transição*. São Paulo: Tykhe, 2009.

do país entre todos os trabalhadores e trabalhadoras, reduzindo a jornada de trabalho, sem redução de salários, que devem seguir o movimento dos preços e da inflação.

É preciso defender a expropriação, sem indenização, de certos grupos capitalistas, sem indenização. A própria crise mundial do capitalismo coloca a necessidade de estatização de certos setores da economia, como, por exemplo, a saúde privada, que, como falamos, deve se colocar inteiramente a serviço da saúde e da vida da população trabalhadora e empobrecida, incorporando-se ao sistema público, sob controle da classe trabalhadora. É preciso estatizar as empresas que demitem trabalhadores, os bancos, o sistema financeiro e os transportes, garantir o não pagamento e a anulação das dívidas interna e externa, direcionando todos os recursos para o combate ao coronavírus e ao atendimento das reivindicações da classe trabalhadora.

Diante do avanço dos setores de direita e extrema direita, é preciso organizar a autodefesa dos trabalhadores, do campo e das cidades, com a constituição de comitês, a partir das organizações e das bases de explorados e oprimidos. No campo e na cidade, os trabalhadores são submetidos às mais variadas formas de violência. Sob o governo de Bolsonaro, particularmente, tem se ampliado a violência no campo contra indígenas e lideranças camponesas, resultando em ameaças, repressões e assassinatos.

É preciso romper com a histórica relação de dependência em relação às potências imperialistas e levantar alto a estratégia da revolução proletária, que colocará na ordem do dia a efetiva resolução das tarefas democráticas pendentes, não resolvidas pela burguesia, como o rompimento com o imperialismo. a resolução da questão agrária, com a entrega das terras aos camponeses e a estatização, sem indenização, do agronegócio e a nacionalização das terras, além da superação completa do analfabetismo e o desenvolvimento das forças produtivas.

Para tanto, uma vez tomando o poder e constituindo o seu domínio de classe, o Estado operário, a classe trabalhadora não se limitará à realização das tarefas democráticas pendentes. Deve passar ininterruptamente à realização das tarefas socialistas. A própria realização das tarefas democráticas dependerá da expropriação da burguesia e do grande capital internacional, do controle do comércio exterior e do planejamento coletivo da economia, sob a base dos conselhos populares, que permitirá aos trabalhadores o controle operário da produção.

Enfim, para além das reivindicações parciais e imediatas, é necessário defender que os trabalhadores, junto à maioria nacional explorada e oprimida - campesinato,

classes médias arruinadas, a população empobrecida e os setores oprimidos - possam tomar a história em suas mãos e constituir um verdadeiro governo dos explorados e oprimidos, para reorganizar toda a sociedade sob novas bases, o socialismo.

10. A crise de direção política e o partido revolucionário

O maior dos problemas colocados pela crise estrutural do capitalismo e pela pandemia do coronavírus é a crise de direção revolucionária. Na época de decomposição imperialista do capitalismo, em que a palavra de ordem “socialismo ou barbárie” encontra-se plenamente vigente, é preciso ser coerente do ponto de vista prático e construir organizações revolucionárias em todos os países e uma sólida organização internacional, um verdadeiro Partido Mundial da Revolução Socialista.

A ausência de partidos revolucionários e a profunda debilidade das pequenas organizações existentes, cumuladas com o domínio de burocracias sindicais nas entidades dos trabalhadores (sindicatos e centrais) se tornam fortes obstáculos à organização, mobilização e luta da classe trabalhadora e dos oprimidos em todos os países.

Os trabalhadores, órfãos de uma direção consequente e combativa, não tiveram outra opção senão abrir vias por meio da luta de classes com os meios e os métodos do proletariado: greves, paralisações e formação de comitês de base. As chamadas “Greves Selvagens” expôs o grande problema da humanidade nesse momento: a crise de direção revolucionária.

As condições objetivas para a luta pelo fim do capitalismo e construção de uma nova sociedade, o socialismo, estão mais do que maduras mundialmente. Na verdade, estão apodrecendo. O caráter mundial das forças produtivas, a socialização crescente do processo de trabalho e de produção, os avanços na ciência e na técnica, enfim, a histórica contradição entre o desenvolvimento das forças produtivas e a camisa de força das relações de produção colocam para a classe trabalhadora e para as organizações revolucionárias a tarefa de avançar nas condições subjetivas, isto é, na construção e enraizamento dos partidos marxistas nas massas e no desenvolvimento da consciência de classe.

Dado o caráter mundial do capitalismo e do imperialismo, o internacionalismo proletário exige que a revolução socialista comece nos limites de determinada país, mas se desenvolva em nível internacional e se imponha no plano mundial. Qualquer tentativa de limitar a revolução socialista aos quadros nacionais resultará em derrotas e retrocessos, tendo em vista que as burguesias nacionais e as potências

imperialistas, além das pressões do mercado mundial, atuarão no sentido de derrubar o poder da classe trabalhadora vitoriosa.

Por isso, a necessidade de construção de uma organização internacional, o Partido Mundial da Revolução Socialista. Somente a Revolução Socialista criará as condições para a completa superação da exploração e de todas as formas de opressão. Se há uma conclusão mais do que provada historicamente - ainda mais com a crise capitalista e a pandemia do coronavírus atual - é que somente a classe trabalhadora, que produz a riqueza da sociedade, junto aos demais setores explorados e oprimidos, será capaz de abrir uma via concreta de emancipação completa da barbárie social capitalista.

ANEXOS

LUTA DE CLASSES I UMA ESQUERDA SUBMETIDA AO ELEITORALISMO E ÀS PRESSÕES DA MÍDIA[1]

O que dizer dessas direções das centrais sindicais. Caíram direitinho nas pressões de Bolsonaro e no apelo ao patriotismo e à unidade nacional.

Desmarcaram as manifestações - sem pôr nada em seu lugar - no momento em que o governo e o Congresso ameaçam com a aprovação de ataques ainda mais profundos aos trabalhadores.

Tudo isso com base no argumento da "responsabilidade social", que, na verdade significa temor de perder votos nas eleições de 2020 e 2022.

A única central que manteve os atos foi a CSP-Conlutas e ainda com ressalvas.

A direita, por outro lado, não só vai às ruas, como o próprio presidente saiu para cumprimentá-los pelo serviço prestado ao governo.

Todo mundo sabe que os trabalhadores e trabalhadoras e a população empobrecida não têm como se proteger do coronavírus, pois não têm privilégios, como as classes médias e a burguesia, de escolher entre ficar em casa ou ir trabalhar.

Têm de pegar coletivos, metrô ou outro meio de transporte para chegar no trabalho. Na fábrica ou nas empresas têm que trabalhar coletivamente ou em grupos. Nenhuma lei os protege de faltar ao trabalho.

A verdadeira proteção é ir às ruas, paralisar a produção, impor uma derrota ao governo e exigir saúde, educação, emprego, salários, moradia e fim das contrarreformas.

Essas direções sindicais queriam apenas uma justificativa para desmarcar os atos. Razão: elas estão ligadas a partidos (PT, PCdoB, PSB, PDT), que deverão aplicar nos estados em que governam as mesmas reformas.

Fora isso há interesses eleitoreiros de não serem chamados pelo governo e a mídia de antipatrióticos, ao sair às ruas no momento de crise.

Estamos vivendo um impasse na velha e nova esquerda. Ou superamos essa situação de crise, forjando uma nova organização de esquerda combativa, revolucionária, comprometida com a causa socialista de destruir o sistema capitalista ou seremos destruídos por governos fascistas, que se avizinham em todos os continentes com o aprofundamento da crise mundial do capitalismo.

[1] Publicado pelo professor Francisco Pereira em 15 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100007072247507>>.

LUTA DE CLASSES I ALGUNS ELEMENTOS IMPORTANTES SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DA EXTREMA DIREITA HOJE NO PAÍS{1}

1 - As manifestações foram mais esvaziadas que as de 2019, as pela eleição de Bolsonaro, em 2018 e as pelo Impeachment, em 2016.

2 -O MBL e o Vem Pra Rua não participaram e nem convocaram. Por isso foram rechaçados nas redes sociais e nos atos.

3 -Começam a aparecer grupos menores de extrema direita mais radicais, apoiadores incondicionais de Bolsonaro e dos militares no governo, que defendem o fechamento do Congresso, do STF e um golpe.

4 - São tão radicais e fundamentalistas que chegam a negar a existência do coronavírus.

5 - Até o presidente do Senado, Davi Alcolumbre, foi chamado de "comunista" nas manifestações de hoje.

6 - O presidente Bolsonaro não só defendeu os atos hoje como desceu e se confraternizou com os manifestantes

7 - Rodrigo Maia deu entrevista à Globo dizendo que foi um erro do presidente, não só por conta da crise do coronavírus, como também por causa dos ataques ao demais poderes.

8 - Davi Alcolumbre foi mais suave e criticou apenas por conta do coronavírus, sem tocar no caráter golpista dos atos.

Vamos ver os próximos passos desses grupos mais radicais da extrema direita em face do desenvolvimento da crise econômica e política.

[1] Publicado pelo professor Francisco Pereira em 15 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100007072247507>>..

BRASIL | MEDIDAS DE BOLSONARO SÃO UM DESAFORO AOS TRABALHADORES E À POPULAÇÃO POBRE[1]

1. Aos poucos fica evidente que a verdadeira intenção dos governos nos países afetados pela pandemia do coronavírus é evitar o máximo possível de perdas para os empresários e a economia, com o rebaixamento da atividade econômica.

2. A política de isolamento em casa das pessoas, de evitar aglomerações, o fechamento de locais e eventos, entre outras, mesmo o fechamento de shoppings, cinemas e teatros não chegam de fato à produção nas fábricas e indústrias, aos trabalhadores precarizados e informais e à população das favelas, cortiços e das comunidades pobres da periferia.

3. Na Itália, Espanha e outros países, os trabalhadores partiram para a radicalização das ações com a explosão de greves em vários setores, fechamento de fábricas e a defesa de medidas voltadas a garantir os empregos, salários e direitos.

4. As políticas dos governos também não conseguem proteger os trabalhadores mais vulneráveis como os sem carteira assinada, os mais precarizados, os informais do pequeno comércio de sobrevivência familiar, enfim todo um conjunto de trabalhadores da indústria, serviço e comércio.

5. As medidas anunciadas pelo governo de extrema direita de Bolsonaro objetivam também proteger a economia capitalista e o grande empresariado, na medida em que propõem a suspensão de contratos com redução proporcional dos salários. Um ataque contra a vida das famílias, que dependem dessa renda mensal para sobreviver minimamente.

6. Para os trabalhadores informais, o governo propõe um fundo de alguns poucos bilhões, o que resultaria numa renda, durante 120 dias, em torno de R\$ 200 reais. Entretanto, há no Brasil quase 40 milhões de pessoas nessa situação, o que na verdade reduziria muito o valor a ser repassado, não se sabe quando e em que condições.

7. Enquanto isso, o governo já anunciou que repassará 147 bilhões aos capitalistas para evitar uma quebra maior e garantir os lucros.

8. Os sindicatos, as centrais, movimentos e organizações devem exigir um plano geral que garanta não só o combate ao coronavírus e a defesa da saúde e da vida da classe trabalhadora e das famílias pobres desse país, como também a garantia dos empregos, salários e da estabilidade.

9. Além disso, devemos defender medidas que garantam uma renda que supra as necessidades dos trabalhadores informais e das famílias pobres para além da migalhas oferecidas pelo governo.

10. O combate ao coronavírus expôs, por fim, a profunda crise do capitalismo, o fracasso completo da política econômica e social do neoliberalismo e a ruína de todo o lixo ideológico que os sustenta na teoria e na ideologia.

11. O combate efetivo da pandemia tem de ser feito com estatizações do setor privado da saúde e das empresas que demitirem trabalhadores e, no caso do Brasil, a revogação da Emenda Constitucional 95, do Teto de Gastos e a imediata suspensão do pagamento da dívida pública, redirecionando os recursos para atender às necessidades reais da população trabalhadora e empobrecida.

[1] Publicado pelo professor Francisco Pereira em 18 de março de 2020. Disponível em:

<https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=2574330139479369&id=100007072247507>.

LUTA DE CLASSES I METALÚRGICOS DA CHERY DE JACAREÍ DECLARAM GREVE E MOSTRAM O CAMINHO PARA A CLASSE TRABALHADORA NO BRASIL[1]

1. Apesar da esquerda hegemônica mandar a classe trabalhadora esperar até as eleições de 2020 e 2022, a crise capitalista e a pandemia do coronavírus ameaçam os explorados e oprimidos, em particular seus setores mais vulneráveis - terceirizados, informais, precarizados, "uberizados", domésticos, etc. - e a população empobrecida das periferias das grandes cidades abandonada pelo poder público.

2. As medidas propostas pelos governos nos vários países tomados pela pandemia - isolamento social, fechamento de espaços públicos, escolas, universidades etc. - têm sido insuficientes e, agora, alguns desses governos são forçados, pela pressão popular, a tomar outras medidas mais enérgicas como estatização de hospitais privados - Espanha -, suspensão de cobrança de tarifas de água e luz - França - e pagamento de uma renda aos mais pobres - França e Estados Unidos.

3. Mas subsistem problemas graves: os trabalhadores continuam sendo obrigados a ir às fábricas e empresas. Precisam pegar todos os dias transporte - ônibus, metrô,

trens - lotados, expondo-os ao contágio do coronavírus na ida, durante o trabalho e na volta do emprego para casa.

4. Mesmo quando as medidas dos governos são mais duras - como o fechamento geral do comércio, serviços e indústrias -, os governos permitem aos capitalistas a redução da jornada de trabalho com a redução dos salários ou a suspensão dos contratos sem pagamento de salários.

5. O risco de ficar em casa sem remuneração é grande. Também cresce o pavor de perder o emprego com as demissões. Mesmo que conservem os empregos, os trabalhadores podem ficar desamparados sem renda para manter as suas necessidades e da família como alimentação, moradia, entre outras.

6. Mas os trabalhadores procuram saídas para resistir às medidas discriminatórias e que aumentam a exploração da força de trabalho. A saída, apesar do domínio da política reformista e das burocracias sindicais tem sido organização, mobilização e luta.

7. Na Itália, Espanha e, agora, também no Brasil explodem movimentos grevistas, que paralisam as atividades nas fábricas e empresas, denunciam as medidas limitadas de governos e a exploração que põem em risco a sua saúde, vida e o direito ao trabalho; o proletariado e demais assalariados se convenceram de que não há outro caminho para a classe trabalhadora a não ser a luta de classes.

8. No Brasil, o governo Bolsonaro já expôs o seu programa para a crise e o coronavírus: 147 bilhões para o mercado e empresários; 200 reais por mês para cada família pobre, que vive do trabalho informal, desde que não receba outro benefício; redução da jornada e redução dos salários pelos capitalistas até 50%.

9. As empresas, por outro lado, aproveitam a crise e o rebaixamento geral da atividade econômica para demitir, suspender contratos sem salários ou diminuir jornada com redução proporcional de salários. Um verdadeiro ataque à nossa classe.

10. A multinacional Chery, de Jacareí, demitiu dezenas de metalúrgicos e planeja fechar a planta. Em resposta, os metalúrgicos decretaram greve contra as demissões, em defesa dos empregos, salários e da estabilidade no emprego. Resultado: conquistaram a anulação das demissões e a estabilidade.

11. Outros setores mais precarizados, como os de telemarketing já começam a se movimentar também, tendo em vista que, apesar do avanço do coronavírus, continuam a trabalhar em aglomerados, em salas fechadas, com a mesma carga horária e expostos à contaminação,

12. A tendência é da crise capitalista mundial se aprofundar, potenciada pelo rebaixamento geral da atividade econômica e pela pandemia do coronavírus. Se a crise avançar haverá uma quebradeira nos pequenos e médios negócios e o aumento do desespero dos setores da economia informal, pequenos comerciantes etc., podendo resultar numa crise social sem precedentes.

13. Como ocorreu na Itália, Espanha e outros países, os trabalhadores e trabalhadoras terão de se pôr em marcha para garantir a paralisação das fábricas e empresas, preservando os salários, a estabilidade e direitos para poder defender suas vidas e saúde. Não há outra saída para impor as reivindicações vitais.

[1] Publicado pelo professor Francisco Pereira em 19 de março de 2020. Disponível em: https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=2575180496061000&id=100007072247507.

LUTA DE CLASSES I "GREVES SELVAGENS" OU QUANDO TRABALHADORES E TRABALHADORAS ROMPEM A CAMISA DE FORÇA DAS BUROCRACIAS SINDICAIS[1]

No contexto da crise sanitária mundial e de aprofundamento da crise econômica capitalista, as burocracias reformistas na direção de sindicatos e centrais se tornam um verdadeiro estorvo à organização, mobilização e luta da classe trabalhadora - empregada e desempregada - em defesa da vida, saúde e direitos sociais.

Em "tempos de normalidade", quando os dias são dominados pela rotina, as direções sindicais se eternizam a frente das organizações, quase sem contestação, reforçado a passividade, o conformismo e a impotência. Limitam-se, quando muito, a uma estrita política economicista - defesa de melhores condições de venda da força de trabalho como mercadoria -, de caráter muito rebaixada, afastando a base de uma ativa vida sindical e conciliando sistematicamente com os patrões.

No plano político, essas direções, bem disciplinadas e "responsáveis", expressam as posições de seus partidos reformistas, apostando em frentes com partidos e

frações da burguesia - ditas progressistas - em seus países, para constituir governos de conciliação de classes, que, apesar de algumas políticas assistenciais, acabam por aplicar políticas neoliberais ou antipopulares, beneficiando setores da classe dominante, ajudando, portanto, a manter o sistema de exploração do trabalho assalariado e a grande propriedade capitalista.

Quando esses governos de conciliação de classes se instalam no poder do Estado burguês, com apoio de entidades sindicais e movimentos, acabam por estabelecer um controle das organizações e dirigentes e, por meio deles, das bases sociais de trabalhadores e da juventude, convencidas/iludidas com a ideia de que esses governos podem utilizar a máquina de Estado a serviço dos interesses populares e dos trabalhadores.

Marx e Engels, já na segunda metade do século XIX haviam observado essa tendência de formação de burocracias sindicais, em particular nas *trade unions*, na Inglaterra, sob a base material da constituição de um setor da classe trabalhadora identificada como "aristocracia operária", com melhores salários e condições sociais, em parte beneficiada pela exploração e opressão do Império inglês sobre suas colônias.

No século XX, as burocracias se tornaram um verdadeiro obstáculo ao avanço da luta de classes em todos os continentes. Nas obras de Lênin, Trótski, Rosa Luxemburgo e de muitos outros autores e autoras marxistas encontramos toda uma análise do caráter dessas burocracias na etapa imperialista do capitalismo.

As direções socialdemocratas, após as rupturas no movimento socialista internacional na Primeira Guerra Mundial, tornaram-se um instrumento de contenção das forças da classe trabalhadora, em benefício dos governos e capitalistas. Quando no poder na Europa, estabeleceram um pacto político-social com centrais e sindicatos, como uma camisa de força contra a intervenção de correntes, organizações e partidos revolucionários.

Dito isso, é preciso dizer que não vivemos em "tempos de normalidade", nem de ascenso econômico no plano internacional. A crise iniciada em 2007/2008 destruiu as crenças forjadas pelos ideólogos do neoliberalismo - Milton Friedman, Hayek, Ludwig von Mises etc.- sobre uma suposta superioridade da economia de mercado

e da mão invisível smithiana de que só o capitalismo pode proporcionar liberdade e democracia.

A ideia do fracasso do marxismo e do socialismo, por causa do fim da ex-União Soviética, em 1991, e da queda do Muro de Berlim, em 1989, já não convence mais como no final da década de 1980 e anos posteriores. As sucessivas crises periódicas do capitalismo - anos 1990 e 2007/2008 -, que aprofundam os elementos da crise estrutural - histórica, orgânica - expressam a decomposição do capitalismo, em sua fase imperialista, marcada pelos monopólios e pelo capital financeiro, mas também por guerras, revoluções e contrarrevoluções.

A retomada da crise em proporções ainda mais destrutivas, agora no contexto da crise sanitária mundial do COVID-19 expõe não só a decrepitude do capitalismo como o caráter conservador das burocracias sindicais. Os países impõem medidas, em geral, para salvar os negócios das frações da burguesia. Sequer os trabalhadores e trabalhadoras têm direito à quarentena e são, pois, obrigados a continuar se deslocando cotidianamente de seus lares para os locais de trabalho - fábricas, empresas, lojas -, além de terem de cumprir uma jornada de trabalho extenuante. Ainda mais, são ameaçados com a perda dos empregos e cortes de salários, o perigo da fome, da miséria, de doenças e despejos.

As chamadas "Greves Selvagens", ocorridas na Itália e EUA, cuja experiência tende a se expandir a outros países, nada mais são que um verdadeiro levantamento espontâneo das bases sociais da classe operária e demais assalariados, rompendo as amarras das direções reformistas pelegas, contra os patrões e os governos burgueses de plantão que, diante da crise econômica e sanitária nada fazem para proteger a vida, a saúde e os direitos dos explorados e oprimidos. São um grito contra toda essa política desmoralizante e apassivadora do reformismo e das direções burocráticas tradicionais.

No caso da Itália, os trabalhadores e trabalhadoras "estão desafiando a burocracia sindical corrupta da Itália, que tem trabalhado de mãos dadas com os bancos e o governo Conte para exigir que os trabalhadores da produção permaneçam em suas empresas e continuem trabalhando – apesar da doença ameaçar acabar com milhões de vidas. Esse movimento é parte de uma crescente onda internacional de greves operárias contra a indiferença criminosa da aristocracia financeira à pandemia do coronavírus. Já ocorreram greves de trabalhadores dos correios em

Londres, de motoristas de ônibus particulares em Paris e de trabalhadores da Fiat Chrysler (FCA) no Canadá".(2)

Os dirigentes tradicionais, acostumados anos a fio com o economicismo e a conciliação de classes ficaram atordoados: "Os dirigentes sindicais, que ajudaram a manter os operários trabalhando até as greves estourarem, e só chamaram greves onde os trabalhadores já iriam iniciá-las de maneira independente, estão tão aterrorizados quanto o governo e as corporações com as greves e determinados a encerrá-las. Francesca Re David, a secretária geral do stalinista Sindicato dos Metalúrgicos Italianos (FIOM), apelou para que o governo realize uma "consulta" emergencial para impedir que as greves selvagens continuem se espalhando pelo país".(3)

Nos EUA, trabalhadores e trabalhadoras de fábricas automotivas em Michigan e Ohio também paralisaram as atividades passando por cima de suas direções sindicais. Em Detroit, "Trabalhadores das fábricas da Fiat Chrysler de Sterling Heights (SHAP) e Jefferson North (JNAP), na região metropolitana" se levantaram "algumas horas depois de o Sindicato dos Trabalhadores Automotivos (UAW, na sigla em inglês) e as montadoras de Detroit terem chegado a um acordo sujo para manter as fábricas abertas e operando durante a pandemia global".(4)

Essa tendência pode se expressar em outros países à medida que se aprofundar a crise econômica e sanitária. Na ausência de direções marxistas, revolucionárias e combativas, nos sindicatos, centrais, movimentos e entidades, a classe trabalhadora vai, de maneira espontânea, buscando vias para se fazerem ouvir.

É preciso dar forma político-organizativa ao inconformismo das massas trabalhadoras com as direções reformistas pelegas, os patrões e governos, constituindo comitês de base nos locais em que as greves ocorrerem. Além disso, é preciso defender a frente única de explorados e oprimidos para derrotar os ataques dos governos contra os direitos. Para tanto, os marxistas têm de atuar com uma política de classe independente e lutar por se constituir direção física e política do movimento operário, popular e sindical, oxigenando as formas de democracia proletária

(1) Publicado pelo professor Francisco Pereira em 22 de março de 2020. Disponível em:<https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=2576986719213711&id=100007072247507>.

(2) Greves selvagens estouraram na Itália exigindo fechamento de fábricas durante pandemia do coronavírus. Disponível em: [wsws.org/pt/](https://www.wsws.org/pt/).

(3) Idem.

(4) Trabalhadores paralisam produção nas fábricas automotivas de Michigan e Ohio desafiando sindicato e administração. Disponível em: [wsws.org/pt/](https://www.wsws.org/pt/).

LUTA DE CLASSES I ONDE ESTÃO AS CENTRAIS SINDICAIS?[1]

Sob o pretexto de minimizar os impactos da crise econômica e sanitária, alavancadas pelo avanço do COVID-19 e pela queda das atividades no comércio e indústria, o governo de extrema direita de Jair Bolsonaro editou a Medida Provisória n. 927 na segunda-feira.

O Art. 1º diz: "Esta Medida Provisória dispõe sobre as medidas trabalhistas que poderão ser adotadas pelos empregadores para preservação do emprego e da renda e para enfrentamento do estado de calamidade pública".

Na verdade, a MP n. 927 nada mais faz que aprofundar a recessão e a destruição de direitos - dando continuidade à Reforma Trabalhista e à Carteira Verde Amarela - na medida que, praticamente, estabelece em seu Art. 18 a liberdade completa para os capitalistas suspenderem os contratos de trabalho sem pagar salários dos empregados durante quatro meses.

Ou seja, enquanto repassa bilhões aos empresários, Bolsonaro corta os míseros salários dos trabalhadores, privando-os de qualquer renda para se alimentar, comprar remédios, pagar as contas do mês etc.

Apesar do Art. 18 ser a parte mais grave da MP 927, esta contém 39 artigos, ao longo dos quais outras medidas são previstas, tais como restrições aos fiscais de trabalho, durante seis meses, normas sobre teletrabalho e *home office*, antecipação de férias coletivas, banco de horas, depósitos de FGTS, trabalho de profissionais da saúde etc.

Os jornais de hoje afirmam que, depois de críticas ásperas de entidades, associações jurídicas e de procuradores, de parlamentares etc. Bolsonaro recuou e disse que vai revogar o Art. 18 da MP 927, o que supõe que manterá os demais ataques. Não se sabe ao certo o que Bolsonaro-Guedes colocará no lugar do Art. 18.

A grande pergunta que se coloca nesse momento é: onde estão as centrais sindicais? No próprio domingo lançaram uma carta de crítica às medidas do governo, mas só isso. Nada de ações concretas.

Poderão os trabalhadores e trabalhadoras suportarem por muito tempo essa situação de crise sanitária e econômica, degradação de direitos e condições de vida, avanço do COVID-19 e aumento do número de mortes sem explodirem paralisações e greves em todo país?

Poderão as massas populares, os mais de 40 milhões que vivem da informalidade e do trabalho precário - quando não estão entre os mais de 12 milhões de desempregados - suportar por tanto tempo essa situação, sem partir para ações desesperadas como os saques de supermercados?

Para além dos panelaços e barulhaços, aqui e acolá observamos greves pontuais como a dos metalúrgicos da Chery, que conseguiram afastar a ameaça de demissões e cortes de salários. Os trabalhadores de *call centers* também realizaram um movimento nas principais cidades do país para denunciar o descaso das empresas.

É preciso que as direções das centrais sindicais - em particular a CUT, CSP-Conlutas, CTB etc. - discutam com seriedade a realidade do país e formulem um plano emergencial de defesa da vida e dos direitos de trabalhadores

empregados, desempregados e informais. Os trabalhadores necessitam de propostas concretas e de ação.

[1] Publicado pelo professor Francisco Pereira em 23 de março de 2020. Disponível em:<https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=2578562852389431&id=100007072247507>.

LUTA DE CLASSES I CARTA DAS CENTRAIS SINDICAIS: NENHUMA INDEPENDÊNCIA DE CLASSE, NADA DE AÇÕES CONCRETAS![1]

A Carta das Centrais Sindicais aprovada hoje pela maioria das entidades - CUT, FS, UGT, CTB, NCST, Intersindical, CGTB, CSB -, com exceção da CSP-Conlutas, divulgada nas redes sociais é expressão do beco sem saída em que nos encontramos.

Direções impotentes, imersas numa rebaixada política reformista, fiadoras das vias institucionais, sem nenhuma independência de classe nas posições políticas e nas ações e à espera das próximas eleições.

Não só não tiraram qualquer medida concreta de paralisação da produção para assegurar a vida, a saúde e direitos, como nem sequer levantam a possibilidade de uma greve geral para derrotar as medidas do governo Bolsonaro.

Na verdade, as centrais que assinam a Carta apostam na conciliação de classes, fazendo um apelo ao Congresso Nacional - o mesmo que aprovou a Reforma Previdência e a Trabalhista - para assumir o seu protagonismo e propõem um pacto nacional com os patrões ao propor uma Câmara Nacional de Gestão da Crise, de caráter policlassista - patrões, trabalhadores e Estado -, no velho estilo do sindicalismo pelego.

Uma lástima para a classe trabalhadora, um aceno para as empresas e patrões!

[1] Publicado pelo professor Francisco Pereira em 23 de março de 2002. Disponível em: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100007072247507>>.